

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA



NUMISMATICA — ARTE ANTICA

Veterum volvens montanea virorum

LISBOA

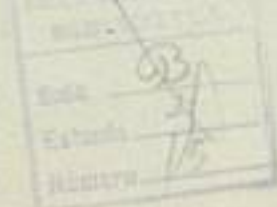
IMPRESA NACIONAL

1896

SUMMÁRIO

- SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA DO INSTITUTO DE COIMBRA.
SEPULTURAS ROMANAS DE BENCAFEDE.
O ARCEBISPO DE EVORA E A ARCHEOLOGIA.
NOVAS MOEDAS DE SALACIA.
MUSEU ARCHEOLOGICO DA BIBLIOTHECA DE EVORA.
A «PORCA» DE MURÇA.
A ARCHEOLOGIA NOS JORNAES PORTUGUESES.
UMA NOTÍCIA ARCHEOLOGICA.
INSCRIPÇÃO DE UMA CASA EM BRAGANÇA.
NUMISMATICA.
PROTECCÃO DADA PELOS GOVERNOS, CORPORAÇÕES OFFICIAES E INSTITUTOS SCIENTIFICOS Á ARCHEOLOGIA.
NOTÍCIAS VÁRIAS.
BIBLIOGRAPHIA.
PROGRESSOS DO MUSEU LAPIDAR DE FARO.
DOLMENS NO CONCELHO DE VILLA-REAL.
ERRATA.
RUINAS DE S. MAMEDE (VIMIOSO).
MUDANÇA DO NIVEL DO OCEANO.
ERRATA.
ARCHEOLOGIA EBORENSE.
EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES DE 1758».
ARTE ROMANA.
A ARRABIDA.

Este fasciculo vae illustrado com 8 estampas.



ARCHIVO HISTORICO PROVINCIAL (GRANADA)	
Sets	_____
Sección	_____
Serie	_____
Libro n.º	92

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. II

DEZEMBRO DE 1898

N.º 12

Secção de archeologia do Instituto de Coimbra

Museu de antiguidades

Data de 1851 a fundação do *Instituto de Coimbra*.

Tendo por fim a cultura das sciencias, letras e artes, é certo que, ainda mesmo nos periodos de seu maior vigor, nunca esta sociedade prestou grande e especial attenção ás artes, a não ser a arte dramatica. A sciencia e a litteratura absorviam-lhe toda a actividade.

As sciencias historicas alguns serviços de valor devem ao *Instituto de Coimbra*. Percorrendo as paginas dos 42 volumes publicados da revista da sociedade, deparam-se-nos por lá disseminados numerosos e interessantes artigos historicos, escriptos por socios d'esta agremiação.

Só, porém, muito tarde é que a archeologia começou a attrahir em especial as attensões de um certo nucleo de socios. Nenhuma das tres classes, em que se acha dividida a sociedade, comprehendia uma secção archeologica.

É verdade que logo no principio se tentou obviar em parte a este mal, propondo o director da classe de litteratura e bellas artes, em sessão de 19 de fevereiro de 1853, «que se nomeasse uma commissão de cinco membros, para examinar os principaes monumentos de architectura, existentes nesta cidade; acompanhando a descripção d'elles da designação da epocha da sua fundação, e mais noticias historicas; e outra commissão de tres membros para examinar as principaes obras de pintura, que existem em Coimbra, com o juizo critico sobre o seu merito e eschola; noticia histórica da epocha e logar em que foram feitas, e nomes dos seus auctores; podendo cada uma d'estas commissões convidar, para as coaljuvar nestes trabalhos, as pessoas



que pela sua illustração e conhecimentos especiaes julgar mais competentes¹.

Esta medida de caracter transitorio não preenchia certamente a lacuna; mas a commissão alguma coisa poderia fazer, inventariando os numerosos monumentos e os muitos quadros de valor, que então havia em Coimbra, e chamando para elles a attenção do público. Mas infelizmente a boa semente não caiu em terreno preparado; não germinou.

Enquanto a audacia ignara destruía até os alicerces o bello templo românico de S. Christovão, para no seu logar construir um reles theatro, nem da parte do *Instituto*, nem da parte de nenhuma pessoa illustrada de Coimbra, se levantava o mais leve protesto contra tal desacato.

Como aquelle, outros muitos monumentos, outras muitas preciosidades, foram desaparecendo pouco a pouco, sem que uma voz amiga intercedesse a seu favor.

Em sessão da classe de litteratura e bellas artes, de 5 de Março de 1873, sob proposta do Dr. Augusto Philippe Simões, resolveu-se:

1.º que se nomeasse uma commissão de archeologia;

2.º que numa das salas do *Instituto* se dêsse cabida aos monumentos archeologicos e epigraphicos, que esta associação pudesse adquirir, e que se chamasse a attenção dos que prezam as investigações archeologicas².

Eis o ponto inicial dos valiosos trabalhos archeologicos, que ultimamente toem sido a principal manifestação de vida do *Instituto de Coimbra*.

A commissão archeologica foi nomeada na mesma sessão. Eram seus membros os seguintes socios:

Dr. Abilio Augusto da Fonseca Pinto.

Dr. Antonio Xavier de Sousa Monteiro.

Dr. Augusto Philippe Simões

Dr. Augusto Mendes Simões de Castro.

Dr. João Correia Ayres de Campos.

Conselheiro João José de Mendonça Cortês.

P.º Manuel da Cruz Pereira Coutinho.

Dr. Miguel Osorio Cabral de Castro³.

¹ *O Instituto*, I, n.º 23 (Março 1, 1853), pag. 361 da 1.ª edição, ou 235 da 2.ª

² *O Instituto*, XVI, n.º 12 (Março de 1873), pag. 288.

³ *Ibid.*

Organizou-se logo um pequeno museu, que ficou installado em duas salas do rés-do-chão do edificio occupado pelo *Instituto*. Os primeiros objectos que alli deram entrada foram umas inscripções lapidares romanas, e outros dos principios da monarchia, que estavam depositados na Universidade.

Não tardaram a convergir para o museu do *Instituto* muitas outras reliquias de maior ou menor valor historico, umas offerecidas, outras confiadas em deposito por corporações e por particulares. Em breve o museu despertava interesse nos poucos homens que então se occupavam de antigualhas.

Havia na commissão cinco homens, que por sua apaixonada dedicacão eram os principaes agentes da benefica empresa: Ayres de Campos, Philippe Simões, Miguel Osorio, Pereira Coutinho e Simões de Castro.

A esta commissão faltava, contudo, a garantia de permanencia e perpetuidade; não tinha em si meio de regularmente se renovar.

Para se obviar a isto criou-se em assembleia geral de 28 de Janeiro de 1874 a *Secção de archeologia do Instituto de Coimbra*. A 4 de Julho do mesmo anno approvou-se o regulamento especial, que á nova secção garantia vida propria, e a 16 de Janeiro de 1875 foi eleita a sua primeira direcção.

Nos dez annos que se seguiram desenvolveu-se muita actividade na acquisição, classificacão e catalogação de objectos de arte antiga. Nesses trabalhos continuaram distinguindo-se entre todos os socios da secção os mesmos cinco a cima nomeados.

O museu foi-se enriquecendo, e o catalogo, que ali corre impresso, dos objectos nelle existentes até 1883¹, prova exuberantemente que se trabalhava com amor, desinteresse e competencia.

Muitas preciosidades se salvaram da ruina e do desaparecimento; muitas outras, pertencentes a particulares, se reuniram no museu, onde poderiam ser consultadas e estudadas. Os trabalhos de classificacão e catalogação eram feitos por Ayres de Campos, cuja dedicacão, saber e honestidade são bem revelados no mencionado catalogo, por elle elaborado.

Em 1882, a convite do vice-presidente da Camara Municipal de Coimbra, Dr. Antonio José Gonçalves Guimarães, elaborou a *Secção*

¹ *Catalogo dos objectos existentes no Museu de Archeologia do Instituto de Coimbra, e Supplemento n.º 1 (deix. manuscritos)*.

de archeologia do Instituto um inventário minucioso e muito interessante dos monumentos históricos e artísticos de todas as ordens, existentes em Coimbra e no seu concelho. Foi um bom serviço que se prestou.

É neste documento, que pela vez primeira se chama a atenção pública e a das auctoridades para a preciosissima arcada do claustro de Cellas, até então desconhecida, e hoje em risco imminente de se perder por um desabamento, que seria muito facil evitar!

O relatório respondia a um questionario formulado pela *Commissão dos monumentos nacionaes*, e foi pela Camara Municipal enviado áquella sábia collectividade¹.

Após dez annos de trabalhos e de prosperidade para a secção de archeologia, veiu a decadencia, e por fim o abandono completo. Os principaes influentes morreram; outros cansaram e desanimaram vendo-se sós.

As direcções do *Instituto* várias vezes tentaram dar, pelo menos, um simulacro de vida á secção de archeologia, mas nada conseguiram. O museu transformou-se numa espelunca imunda, onde as aranhas e o caruncho trabalhavam á sua vontade; ultimamente destinara-se a depósito de moveis inutilizados, de caixotes, etc.

Á vista de tal abandono, uma parte dos socios do *Instituto* animou-se de toda a sua boa vontade, tratando-se então de reorganizar a serio a secção de archeologia, introduzindo-lhe sangue novo. Sollicita-se e obtem-se a intervenção efficaz do Ex.^{ma} Prelado da Universidade e de todos os socios do *Instituto*, e começam as obras nas duas salas do museu.

Em breve se achavam estas inteiramente transformadas, e revestidas de mobilia adequada. Na distribuição e disposição dos objectos ninguem interveiu senão Antonio Augusto Gonçalves e Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, este vice-presidente da secção, aquelle segundo secretario e conservador do museu. Os dois talentosos artistas e archeologos distinctos para lá enviaram as suas collecções, que, juntas ao que havia e ao mais que se obteve, tornaram o museu summamente interessante.

O talento artistico de Gonçalves, coadjuvado por Teixeira de Carvalho, soube tornar bello e muito agradável, pelo conveniente arranjo e disposição, esse agglomerado de pedregulhos, inscripções, sarcophagos, estatuas, fragmentos de columnas, e muitas outras antigualhas,

¹ Foi publicado n.º *Instituto*, xxx, n.º 4 (Outubro de 1882), pag. 179.

que lá havia, e que, se chamavam a attenção do archeologo pelos segredos que nellas sabia ler, é certo que não attrahiam, antes repelliam, o que o não era, mal podendo servir para educar e bem orientar o artista.

Hoje qualquer profano, que entre no museu, sente-se attrahido e é naturalmente alluciado á observação e ao estudo. E é prova d'isto a gente que alli vae em visita repetida todos os domingos e dias santificados. Vão e demoram-se; lêem os rotulos e consultam o conservador, que, sempre prompto a responder, lá gasta horas esquecidas, enquanto o museu permanece aberto.

Continuam de dia em dia augmentando as collecções. As duas salas são já insufficientes, e trata-se de obter do Ex.^{mo} Reitor da Universidade, á qual pertence o edificio, a conveniente preparação de uma terceira sala, para onde possa estender-se o museu. Espera-se que de aqui a alguns meses esteja prompta.

Depois far-se ha o catalogo geral, methodico e illustrado.

A inauguração do museu, depois de reorganizado, fez-se com toda a solemnidade no dia 26 de Abril do corrente anno, sob a presidencia honoraria dos Ill.^{mas} e Ex.^{mas} Srs. Bispo-Conde e Reitor da Universidade. A ambos deve muito o museu: a este pelos serviços a que a cima faço allusão, áquelle pela concessão de valiosos objectos, e pela coadjuvação efficaz que sempre está disposto a prestar á direcção em todos os empreendimentos.

Antes de concluir esta rapida noticia, pede a justiça que aqui deixe mencionados os nomes dos actuaes directores da *Secção de archeologia do Instituto de Coimbra*, que por seus bons serviços merecem rasgados elogios. São os Senhores.: Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, Antonio Augusto Gonçalves e Dr. José Antonio de Sousa Nazareth¹.

Que o seu zêlo não esfrie, apesar de todas as contrariedades, e que a nova direcção, que brevemente vae ser eleita, continue com igual dedicação e competencia, eis os meus votos sinceros.

ANTONIO DE VASCONCELLOS.

¹ [Pede a justiça que eu diga que entre os benemeritos do museu se conta tambem o proprio signatario do artigo, que é archeologo consciencioso e dedicado.— J. L. de V.]

Sepulturas romanas de Bencafede

Na herdade de Bencafede, pertencente á freguesia de Nossa Senhora de Machêde, do concelho e districto de Evora, numas excavações que se fizeram para a construcção de um forno de tijolos e telhas, foram encontradas, um metro a baixo do nivel do terreno, umas campas



construidas de *ladrilhos*, um dos quaes, tem de comprimento 0^m,37 e de largura 0^m,27, regulando os outros pelas dimensões d'este. Dentro das campas appareceram esqueletos e juntamente alguns objectos, entre os quaes se notam dois lacrimatorios, um que partiram e outro com que o dono da herdade presenteceu um individuo de Evora, um prato de vidro que os trabalhadores partiram, algumas lucernas, das quaes inteira só ha uma, duas argolas de ferro, um *anulus* ou *inauris* de cobre ou bronze (de que se dá a estampa em tamanho natural), diferentes objectos de ceramica de varios tamanhos e feitios que os trabalhadores partiram, um *clacus*, etc.

N. B. Todos os tijolos tem desenhos que differem entre si.

CESAR PIRES.

O arcebispo de Evora e a archeologia

Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. D. Augusto, Arcebispo de Evora, dirigiu em 21 de Dezembro de 1896 aos seus parochos um officio-circular que foi publicado n-*O Manuelinho de Evora*, n.º 801, de 28 do mesmo mês, d'onde se extraem os seguintes periodos por dizerem respeito á archeologia:

« não repugna, antes se casa perfeitamente com a natureza das funções do ministerio parochial, o amor e interesse pelos progressos dos estudos que mais de perto se relacionam com o culto divino.

Entre elles, merece particular attenção o da archeologia religiosa, que, alem de ensinar a distinguir e a apreciar as epochas, os estylos, o destino, a significação e o valor historico ou artistico dos monumentos, das imagens, dos quadros, dos vasos sagrados, paramentos e alfaias do culto, pôde fornecer, e tem muitas vezes fornecido, elementos preciosos para a fixação de datas e a resolução de problemas attinentes á historia, á liturgia, ao dogma ou á disciplina da Igreja Catholica

. não devemos jámais, os que somos ministros da Egreja, hesitar em auxiliar e favorecer os sinceros esforços dos sábios na investigação do passado.

Inspirado por esta ordem de idéas, determinei já que na cadeira de Theologia Pastoral do Seminario d'esta Metropole sejam ensinadas aos alumnos as noções elementares de archeologia e iconographia christã; e agora venho recommendar muito a V. S.^a o seguinte:

1.^o Todas as vezes que na freguesia a seu cargo se tratar de obras a fazer em algum templo ou outro edificio com character religioso que se recomende por sua antiguidade ou primor artistico, procure V. S.^a obstar efficazmente a demolições ou modificações que o desfigurem, e empenhe-se sempre em lhe conservar zelosamente o estylo e a feição primitiva, não permittindo que se pintem ou dealbem cantarias ou ferragens de merecimento, que se arranquem azulejos, etc.

2.^o Tenha o maior cuidado e vigilancia na conservação de todos os objectos do culto, e não auctorize jámais a alienação, por qualquer fórma, ou inutilização de alfaias antigas, embora a pretexto de serem substituidas por outras melhores, sem averiguar se aquellas tem ou não merecimento archeologico ou artistico.

3.^o Se tiver conhecimento ou forem descobertos nessa freguesia alguns objectos antigos (moedas, medalhas, vasos, roupas, armas, instrumentos e utensilios, inscrições lapidares, etc.), fará bem se o communicar ao Ex.^{mo} Conservador da Bibliotheca Publica d'esta cidade; e, se esses objectos não pertencerem ao culto ou não houver outro inconveniente, promova a remessa d'elles para o *Museu Cenaculo* annexo á mesma Bibliotheca*.

Bem haja o illustre Prelado Eborense, que, qual outro Cenaculo, concorrerá assim para o progresso dos estudos archeologicos na sua diocese!

J. L. DE V.

Novas moedas de Salacia

N-*O Archeologo Português*, I, 81 sqq., occupei-me de umas curiosas moedas em que se lê em caracteres indígenas *Eriom*, nome da cidade ou do povo a que ellas pertenciam. Zobel de Zangrónis estabeleceu com toda a clareza na *Revue Numismatique*, 1863, 378-379, com razões que os que se lhe seguiram¹ não conseguiram refutar, que taes moedas pertenciam a Salacia. Às razões dadas por Zobel juntei eu outras n-*O Arch. Port.*, *ib.*, 83. O Sr. Dr. Hübner tambem apoia Zobel in *Monum. ling. Ibericæ*, pag. 136.

A boa estrella archeologica, que até hoje me tem sempre acompanhado nas minhas investigações, offereceu-me novo ensejo de poder reforçar os argumentos de Zobel, como se vae ver.

No Natal de 1895 voltei a Alcaçer do Sal, e os meus amigos Corroia Baptista e P.* Galamba mostraram-me várias moedas de cobre ali apparecidas ultimamente, que elles não conheciam, e que



Fig. 1

tambem a mim me pareceram muito estranhas. Dando voltas á memoria, lembrei-me que o meu amigo Dr. Teixeira de Aragão me havia em tempo mostrado uma moeda semelhante a estas, achada no Alentejo, não longe de Elvas, e, logo que regresssei a Lisboa, foi meu primeiro cuidado ir a casa do Sr. Aragão para verificar o facto, que realmente verifiquei.

Todas as moedas que observei se reduzem a tres typos:

1. Cavallo marinho ou hippocampo á esquerda. Legenda retrógrada YQY43 . Restos de circuito granulado em baixo.

R. Duas espigas de trigo (á esquerda) entre dois crescentes, um com ponto, outro sem elle. Restos de circuito granulado em baixo.

Vid. a fig. 1. Esta moeda pertence ao Sr. Dr. Teixeira de Aragão.

¹ Por exemplo o Sr. Berlanga no *Nuevo método de Delgado*, II, 371 sqq.

2. Hippocampo á esquerda, já com a cabeça safada. Granulas como na primeira.

R. Igual ao da fig. 1 e 3, só em maior número os granulos do circuito do que na fig. 3.

Vid. fig. 2. Esta moeda pertence ao Museu de Alcaicer.

3. Hippocampo á esquerda. Contramarca S junto das pernas. Já não se percebe circuito granulado.

R. Analogo ao da fig. 1, mas já sem granulos.

Esta moeda foi-me offerecida pelo Sr. Correia Baptista. Ha outras no Museu de Alcaicer.



Fig. 2



Fig. 3

Ao todo existem sete moedas. O peso oscila entre 5 ϵ ,2 e 6 ϵ ,2. Com excepção da do Sr. Aragão, todas foram achadas em Alcaicer.

A moeda da fig. 1 foi já publicada, mas imperfeitamente, e sem explicação nenhuma, a título de mero enfeite, na capa-prospecto de um livro insignificante. As outras estão absolutamente inéditas.

Não ha duvida nenhuma que estas moedas se relacionam com a serie publicada n-*O Archeologo*, I, 83. A moeda n.º 1 liga-se pela legenda ás já conhecidas; as de n.º 2 e 3 ligam-se á de n.º 1 pelos typos. A authenticidade de todas é indubitavel.

O typo das espigas apparece tão frequentemente nas moedas ibericas, que não vale a pena fazer citações. O typo do hippocampo é mais raro, mas encontra-se em moedas da região emporitana, como se pôde ver no *Nuevo metodo* de Delgado, III, est. CXXXVIII e CXLIV.

Além da novidade dos tipos d'esta serie de moedas, tem de se notar tambem a contramarca S que se vê nas de n.º 3. As contramarcas não são raras nas moedas ibéricas: se algumas vezes o seu sentido é por ora indecifrável, outras vezes ellas contém as iniciais dos nomes das cidades, como as de *Cæsar Augusta* que tem C C A — *Colonia Cæsar Augusta*, as de *Casantium* que tem C e CAS; outras vezes contém DD que significa *D(ecreto) D(ecurionum)*. No nosso caso não sei dizer precisamente a significação do S: com quanto se possam dar várias explicações, como, por exemplo, a de inicial do nome de um dos magistrados que, ao que parece, figuram em alguma das moedas já conhecidas, todavia inclino-me antes a crer que o S não será senão a primeira letra de *Salacia*, vindo assim a confirmar-se plenamente a attribuição de taes moedas a esta cidade lusitana: a contramarca teria por fim dar curso, sob o dominio romano, a uma moeda de procedencia indigena.

Em todo o caso ahí ficam tres documentos novos, que contribuem para o conhecimento da numismatica da Iberia. Os juizes competentes dirão agora a sua opinião.

J. L. DE V.

Museu Archeologico da Bibliotheca de Evora

No louvavel empenho de engrandecer este Museu, que está junto da Bibliotheca Publica, o digno conservador da mesma, o Sr. Dr. Thomás Gomes Ramalho, enviou aos presidentes de todas as camaras do districto o seguinte officio-circular:

«Ex.^{tas} Sr. — A archeologia, universalmente reconhecida como verdadeira sciencia, estreitamente relacionada com as sciencias naturaes, e auxiliar das sciencias historicas, e sociaes, está hoje chamando a attenção não só dos poderes publicos, mas tambem de muitos homens cultos do nosso país.

Principiada a entrada do seculo XVIII por Winckelmann, que foi o primeiro que das suas observações formulou principios fundamentaes de uma theoria, depois aperfeiçoada por Visconti, a ella se deve o conhecimento da existencia dos povos prehistoricos, e não só a confirmação mas tambem a rectificação dos factos importantes relativos a tempos historicos, desfigurados pelos historiadores. Com effeito: pelo estudo attencioso de velhos monumentos, moedas, medalhas, inscrições, vasos, roupas, armas, instrumentos e outros antigos uten-

sílios, tem o archeologo podido conhecer e apreciar os habitos, artes e costumes de antigos povos, avaliando pelos seus vestigios o seu estado de desenvolvimento, e determinando com rigorosa exactidão epochas e datas importantes da vida de um povo.

Animar, quanto possível, o estudo d'essa sciencia, que actualmente se inicia no nosso país com enthusiasmo, é um imperioso dever que a todos se impõe, e para o desempenhar na parte que me toca, ouso contar com o poderoso auxilio de V. Ex.^a

Nesta Bibliotheca, actualmente a meu cargo, existe uma importante collecção de objectos archeologicos, na maior parte, legados por Cenaculo, o seu benemerito fundador.

Posteriormente lhe foram adicionados muitos outros, adquiridos pelos distinctos bibliothecarios, meus antecessores, entre os quaes destacam os vultos proeminentes de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara e Augusto Filippe Simões, ambos de memoria muito saudosa para esta Casa, e para as lettras patrias. Recentemente tem augmentado a collecção archeologica por via de valiosos donativos, generosamente dispensados por dedicados protectores d'este Estabelecimento, e pôde ainda crescer consideravelmente a sua importancia, se os homens illustrados do nosso districto prestarem o auxilio que solicito.

Não faltam, de certo, na nossa provincia, exemplares curiosos de archeologia. Em qualquer reconstrucção de velhos edificios, ou qualquer escavação em o nosso solo, apparecem com frequencia preciosos exemplares que teriam consideravel valor para o estudo da archeologia, se, em vez de convenientemente guardados em um museu especial, acessivel aos estudiosos, não ficassem, na maioria dos casos, reconditamente occultados; ou abandonados á acção destruidora do tempo, succedendo-se o extravio, quando a ignorancia do seu valor, lhes não faz alterar sua peculiar feição, empregando-os em construcções novas, que encobrem já bastantes monumentos lapidares!

Archivar todas essas preciosidades, devidamente acondicionadas, em local apropriado, de facil accesso ao archeologo estudioso, constitue a primeira necessidade que convem desde já attender; e nenhum outro lugar se apresenta mais apropriado do que o museu d'esta Bibliotheca, aonde brevemente se installará uma secção archeologica, formada dos preciosos exemplares, que já possui. Em qualquer outro lugar, a sua collocação demandaria despesas relativamente importantes, que aqui se evitam, facilitando o confronto dos objectos archivados com os que de novo se lhes aggregarem.

Tendo, pois, em vista o fim que deixo exposto, ouso rogar a V. Ex.^a, com muito interesse, que da sua parte envide todos os esfor-

ços para que a esta Bibliotheca sejam enviados os objectos antigos, que a Ex.^{ma} Camara, a que V. Ex.^a dignamente preside, por ventura possua, e sejam proprios para o estudo da archeologia; bem como aquelles que, de futuro sejam encontrados em quaesquer obras municipaes, pedindo tambem com igual interesse a V. Ex.^a a sua poderosa coadjuvação para se poderem alcançar aquelles objectos que forem encontrados em qualquer obra particular, afim de seguirem destino identico.

Convencido de que V. Ex.^a acolherá benignamente este meu pedido, desde já, muito reconhecido, consigno aqui os meus cordaes e sinceros agradecimentos a V. Ex.^a, que considerarei como um dos mais prestimosos protectores d'esto Estabelecimento.

Deus Guarde a V. Ex.^a—Bibliotheca Publica de Evora, 4 de Dezembro de 1896.—O conservador, *Thomás Gomes Ramalho*.

Oxalá que todos os srs. presidentes das camaras correspondam, como devem, ao appêllo que em nome da sciencia e da patria acaba de lhes ser feito!

J. L. DE V.

A «porca» de Murça

Tanto o *Branco e Negro*, n.º 32, de 8 de Novembro de 1896, como o *Occidente*, n.º 646, de 5 de Dezembro corrente, trazem gravuras da «porca» de Murça; mas nenhum d'esses jornaes se refere á que foi publicada no *Arch. Port.*, I, 236.

Temos, pois, publicadas em jornaes, pelos menos já tres gravuras do célebre monumento.

Como nota ao que se escreve no *Branco e Negro*, lembrarei que, apesar de mais de uma vez se achar associado o mostrengo a pelourinhos, nada tem com elles: os nossos pelourinhos são uns da idade-média, outros posteriores, ao passo que os monumentos da natureza de de Murça datam dos tempos pre-romanos, e relacionavam-se com as ideias religiosas dos antigos habitantes da Peninsula Iberica, por cuja área, na região septentrional, se encontram bastantes monumentos semelhantes ao de que se trata.

J. L. DE V.

A archeologia nos jornaes portuguezes

Sem fallar nos jornaes artisticos, muitos outros publicam de vez em quando artigos archeologicos ou historicos com gravuras de monumentos.

Por exemplo:

- a) *O Seculo* em muitos dos seus numeros, geralmente ao domingo;
- b) *A Voz de Chaves*, que tem publicado estampas de monumentos d'aquella villa (a ponte, a capella de S. João de Deus);
- c) *O Manuelinho de Evora*, que no seu n.º de 28 de Dezembro de 1896, publicou uma gravura do antigo baculo (quincentista) dos arcebispos da Igreja de Evora.

J. L. DE V.

Uma noticia archeologica

Castro de Avellãs

«Com a devida venia transcrevemos do nosso collega *O Nordeste* o interessante artigo de cuja epigrapha nos servimos, que é devido á penna do habil tenente de caçadores 3, Sr. Albino Pereira Lobo, um dos poucos que nesta cidade sabe aproveitar com vantagem a sua lucida intelligencia no estudo das sciencias archeologicas, o que lhe tem grangeado as sympathias de todos aquelles que tem amor pelas sciencias historicas e que sabem prestar homenagem aos que sacrificam uma grande parte da sua vida procurando a luz que deve illuminar a historia das gerações passadas.

Segue o artigo:

É notavel a quantidade de castros, que existem nas immedições de Bragança, restos na maior parte de povoações mortas, dignes da attenção de todos os que se dedicam ao estudo das sciencias historicas, e principalmente da historia militar.

A tres kilometros a oeste d'esta cidade, no monte denominado *Cabeço de Castro de Avellãs*, que serve de espaldão á carreira de tiro d'esta guarnição, ha vestigios, bem distinctos ainda, de uma fortaleza, que, pelas apparencias, construcção e extensão, grandeza, fórma,

parece ter sido um *oppidum* de habitação ou de refúgio dos primitivos povos d'esta região.

Tudo leva a crer que foi este *castro* ou fortaleza quem deu o nome á pequena povoação de *Castro de Avellãs*, a *Alvelina* dos foraes, que se vê na proximidade da vertente oeste do monte; povoação tão mesquinha pela sua grandeza e singeleza das suas habitações, como notavel pelos vestigios archeologicos que apresenta, por isso que ainda se vêem nella abundantes monumentos da dominação romana, e as ruínas de um famoso mosteiro de beneditinos, que, segundo as antigas chronicas, foi edificado no meado do seculo VII da era christã.

D'onde provém que, se geographicamente passa despercebida, não lhe succede o mesmo historicamente, pois entre os chorographos tem-se levantado grande discussão se teria sido neste local que existiu a famosa *Brigantia* ou *Juliobriga*¹, por isso que monumentos epigraphicos attestam a estada aqui da tribo dos Zoelas ou de uma sua colonia.

O *Castro do Monte de Avellãs* é uma extensa fortaleza, cuja muralha, formada de pedra solta e defendida por um largo fosso, segue proximamente a crista militar, sendo, nas partes mais accessiveis, reforçada por outras ordens de muralhas em andares. No seu interior parece divisarem-se restos de habitações circulares, e, na parte voltada a norte ha indicios que dão a suspeitar a existencia de uma ampla cisterna.

Todo o monte está coberto de carvalhos; e este ponto, tacticamente considerado, é dos que nestes sitios offerece melhores condições de defesa: as suas encostas, quasi por todos os lados, são bastante escarpadas, divisa-se d'elle um horisonte admiravel em todas as direcções, e domina completamente os valles que o rodeiam.

Este *castro* é um bello exemplar de uma estação archaica para cujas ruínas deve convergir a attenção dos que quiserem indagar a situação da *Brigantia* de que falla o foral de D. Sancho I dado á Quinta de Bemquerença, e dos que pretendem marcar as estações da via militar de Braga a Astorga, que devia passar por aqui ou nas proximidades, visto a posição strategica d'este ponto em relação ás

¹ [A opinião dos que sustentam que foi aqui *Juliobriga* ou *Brigantia* (= *Brigantium*) não tem fundamento: cfr. Forbiger, *Handbuch der Alten Geographie*, parte II, pag. 62 e 65; a *Brigantia* de que provém a actual Bragança é outra, como se dirá no proximo numero. — J. L. n. V.]

posições geographicas das duas importantes e antiquissimas cidades de Astorga e Zamora.

Se se chegar a confirmar que no Monte do Castro houve povoação, como parece, ella é anterior ao dominio romano, pois pelos vestigios que se divisam nada faz crer que este povo estacionasse allí; não se dando o mesmo caso com os outros castros das immedições, aonde, na maior parte, se vdem sobejos indícios da sua passagem; e que foram formados, provavelmente, depois que a dominação romana obrigou os primitivos povoadores a deixar os altos para irem habitar e a cultivar os valles.

Vê-se a grande importancia que ha em achar a certeza do que estas ruínas foram, e a utilidade dos estudos archeologicos como subsidiarios da historia, o que só é negado pelos espiritos ignorantes e mesquinhos, ou pelos que não encaram a vida por outro lado a não ser em procurar a melhor maneira de especular a humanidade. — A. L. »

(Extracto do *Norte Transmontano*, n.º 83, de 15 de Outubro de 1896).

Ao Sr. tenente Albino Pereira Lopo se deve a ideia da fundação do Museu Municipal de Bragança, de que se fallará no n.º 1 do vol. III d-*O Archeologo*; por esse serviço, e pelos outros que tem prestado à archeologia do districto de Bragança, lhe deu a Associação dos Archeologos Portuguezes de Lisbon, numa das suas ultimas sessões, um voto de louvor.

À cêrca das antiguidades de Castro de Avellãs e dos Zoelas tem-se já publicado muitas noticias e dissertações, como se pôde ver no *Corp. Inscr. Lat.*, II, pag. 363, e *Supplem.*, pag. 901-910, onde o Sr. Dr. Hübner cita tudo o que ha sobre o assumpto.

J. L. DE V.

Inscrição de uma casa em Bragança

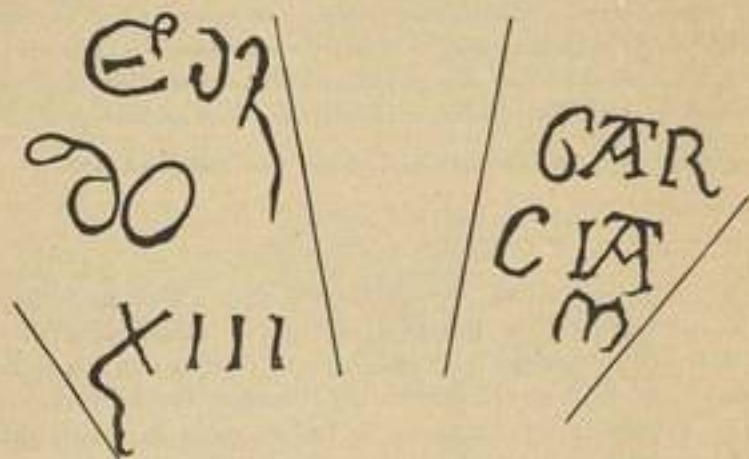
No cimo da rua da Costa Grande e do lado direito, a quem vae da cidade para a cidadella, vê-se, no fecho do arco que fórma a porta de uma pobre casa, a inscrição que adiante publico.

O arco da porta é todo de granito grosseiro e apresenta um trabalho em ornatos que faz suspeitar ter servido para alguma capella;



suspeita que se torna ainda maior em presença de certos indícios que ainda se divisam nas paredes da casa. Em monumentos antigos é esta a única inscripção que se encontra em Bragança, pelo menos que eu conheça.

Eu tenho tido todo o interesse em saber o que foi noutros tempos esta casa, porque desejava esclarecer uma d'úvida que me suggeriu o desenho da cidadella tirado por Duarte de Armas, no reinado de D. Manoel: qual foi de apresentar, na vista de Oeste dentro da fortaleza tres templos ou ermidas. Ora um sabe-se que era a actual igreja de Santa Maria, que já existia no reinado de D. Affonso III;



e o outro a capella de S. Tiago, de que houve aqui uma confraria importante instituida por D. Affonso, primeiro Duque de Bragança, e que ainda existia em 1676, pois lemos num documento, quasi de todo inutilizado, que encontrámos na Camara, que a 26 de Julho d'este anno ainda fôra eleito para capellão Baltar de Moraes Sarmiento, e para mordomo-mór Francisco Ferreira Moraes.

A capella de S. Tiago desapareceu de todo, ignorando-se até o sitio aonde ficava, mas é opinião assente que ficava no interior da cidadella.

Seria a nossa casa o terceiro templo, que Duarte de Armas, por um erro de perspectiva tão triviaes nas suas plantas, collocou no interior da fortaleza, da entrada da qual dista apenas sessenta passos? E se o foi, qual o santo da sua invocação? Eis o que conviria saber.

Bragança, Dezembro de 1896.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Numismática

No n.º 2, do vol. II, d'*O Archeologo*, publicou o Sr. Dr. Sousa Viterbo um interessante artigo sobre a lavra da moeda em Beja no tempo de D. João III; sobre outro ponto da historia numismática d'esta cidade achámos nós um documento que por varios titulos nos pareceu curioso. O documento que vimos é cópia manuscrita de um impresso que o diz ter sido em Sevilha na Imprensa Maior, e consta de duas partes.

A primeira é um requerimento cujos passos principaes são os seguintes: *Juan José Mascareñas de Azavedo y Silva, corregedor que fué de la Ciudad de Beja y su Comarca representa á V. E. que siendo el suplicante Presidente de la Junta Suprema de dicha Ciudad, y Provincia, en tiempo de la feliz restauracion de su Patria, determinó cunhar moneda Portuguesa en dicha Ciudad en nombre de su legitimo Principe y Señor para proveer las Tropas, y acudir á las demas necesidades*, etc. Para esse fim mandou o corregedor fazer em Sevilha cunhos, e dera como modelos uma moeda de doze vintens e outra de cruzado novo; isto em Julho de 1808, sendo dada ordem pela Junta Suprema de Sevilha para se fazerem os cunhos em 20 d'esse mês; em 11 de Agosto de 1809 pede lhe passem certidão da verdade d'estes factos e do que se continha nos cunhos por elle mandados fazer.

A outra parte do documento consta da certidão passada pelo director da moeda de Sevilha; e por ella se conhece que as moedas enviadas para modelos eram: uma moeda de doze vintens do Principe Regente, emissão de 1807; e um cruzado novo de D. João V, emissão de 1748. Diz a certidão: *como arreglo a los se grabaron los ocho Troqueles pedidos, Matrices y demas necesarios para el fin*; etc.

Mas agora nos deixa a certidão indecisos sobre saber se estes cunhos chegaram a servir e onde; pois diz: *todo lo qual existe en la oficina de grabado de esta Real Casa*.

Pareceu-nos digno de registo este documento, ainda quando a lavra da moeda se não chegasse a realizar, e por isso o deixamos archivado nesta revista; não o encontrámos em nenhuma das collecções de documentos d'aquella tormentosa epocha, não achando tambem lei ou ordem que auctorizasse o corregedor a tomar tal medida, a não ser a maxima — *Salus populi, suprema lex*.

G. DE ALMEIDA SANTOS.

Protecção dada pelos Governos, corporações officiaes e Institutos scientificos á Archeologia

6. Gabinete de archeologia na Universidade de Messina

O Sr. Dr. Giacomo Tropea, illustre Director e fundador da importantissima *Rivista di Storia Antica*, cujo vol. II está em via de publicação, e Professor de Historia Antiga, e encarregado da de Archeologia, na Universidade de Messina, de que é um dos ornamentos, propôs á Faculdade de Lettras a criação de um Gabinete Archeologico annexo á cadeira de Archeologia, o qual fosse como que um laboratorio para os seus alumnos, e um centro de iniciação de explorações systematicas naquella zona siciliana. A proposta foi apresentada pelo activo e intelligente Reitor, o Sr. Professor Stampini, ao Ministro da Instrucção Pública, que não só a approvou, mas muito a louvou. Este Gabinete, pôsto, como está, sob a direcção de uma pessoa tão competente como o Sr. Dr. Tropea, torna-se um valioso subsidio do ensino, e, estabelecido numa região ainda quasi inexplorada, pôde prestar grande serviço á sciencia.

Por toda a parte, os estudos archeologicos vão pois em augmento, e recebem patrocínio dos Governos centraes e dos locaes, e das corporações scientificas. É que a archeologia não constitue uma simples curiosidade de ociosos ou de *dilettanti*, mas responde a um dos muitos problemas que o espirito humano formulou na sua ansia infinita de se conhecer melhor e de se satisfazer.

7. Acquisições do Museu do Louvre

Na sessão de 28 de Agosto de 1896 da Academia das Inscriptões (França), «M. Henzey rend compte des résultats de sa mission à Constantinople, d'où il a rapporté au Musée du Louvre les monuments chaldéens que M. Paul Cambon, ambassadeur de France, a obtenus de la générosité du sultan Abdul-Hamid, monuments qui, pour la plupart, remontent aux plus lointaines origines de la civilisation asiatique. En voici la nomenclature: 1°, un bétyle ou galet sacré autour duquel Eannadon, le roi de la stèle des Vautours, a inscrit la relation de son règne; 2°, une grande lame de bronze ou de cuivre, en forme de fer de lance et ayant 90 centimètres de longueur, portant un lion gravé avec le nom d'un très ancien roi du pays de Kish; 3°, une tête de taureau en bronze aux yeux incrustés de nacre et de lapis; 4°, deux

fragments d'une stèle sculptée, dont l'inscription contient le nom de la ville d'Agadé; 5°, quatre grandes tablettes d'argille, de la deuxième dynastie de la ville d'Our; 6°, un choix de vingt tablettes plus petites, mais d'un intérêt historique exceptionnel en ce qu'elles fournissent, pour la première fois, plusieurs dates authentiques des règnes de Sargon l'Ancien et de son fils Naram-Sin, qui vivaient vers 3800 avant J. C. Ce fait est établi par un travail opéré sur plusieurs milliers de fragments, et à ce sujet, M. Heuzey prend date en lisant une note dans laquelle M. François Thureau-Dangin, attaché à sa mission, déchiffre et traduit la plupart de ces documents».

(Da *Revue Archéologique*, 3.ª serie, xxix, 377).

8. Congresso histórico e archeológico de Malines

No verão de 1897 deve realizar-se na cidade belga de Malines um congresso de Historia e Archeologia, para o qual se enviou a diversas sociedades e museus o seguinte officio-circular, que tambem foi enviado ao Museu Ethnographico Português:

«Nous vous prions de vouloir nous faire parvenir *le plus tôt possible*, les questions que votre compagnie désirerait soumettre au prochain Congrès Historique et Archéologique de Malines.

De l'avis général, le programme de certains congrès antérieurs était trop chargé, et plusieurs questions n'ont pu, faute de temps, recevoir une solution satisfaisante.

Le nombre de questions devra donc être assez limité, et il serait désirable, croyons-nous, qu'aucune question ne soit proposée sans avoir été, pour son auteur, l'objet d'une étude sérieuse et approfondie.

Dans l'espoir, Monsieur le Président, que vous voudrez bien nous réserver votre appui et assurer ainsi la réussite du Congrès, nous vous présentons l'assurance de nos sentiments les plus distingués. — Pour le comité: *Louis Strobant*, secrétaire général; — *G. van Caster*, président».

J. L. DE V.

«.....no estudo da historia patria cada povo.....vai buscar o conhecimento dos progressos da civilização nacional, as experiencias lentas e custosas que seus avós fizeram, e com as quaes a sociedade se educa, para chegar de fragil infancia a virilidade robusta».

A. HERCULANO, *Opusculos* (1886), v, 135.

Notícias várias

1. Thesouro de moedas romanas

Lê-se no *Economista*, n.º 17, do vol. v, 2.ª serie, de 25 de Outubro de 1896:

«Dizem de Santo Thyrsó que nas excavações a que se anda procedendo no monte dos Sultos, freguesia de Sequeiró, foi encontrado um vaso com cêrca de quatrocentas moedas de cobre romanas, quasi todas da epocha de Constantino. Ha differença na cunhagem, mas o tamanho não excede o das nossas moedas de 5 réis. São muito semelhantes ás que appareceram ha annos no bairro das Travessas, d'essa cidade».

Trata-se evidentemente de *pequenos bronzes*.

2. Cruzeiro antigo

Lê-se no *Esposendense*, n.º 223, de 25 de Outubro de 1896:

«No sitio chamado das Cruzes, ao sul da villa (de Barcellos ou de Espozende?), quasi á margem do Cávado, existe um cruzeiro que foi demolido em 1894 para o cemiterio municipal. Esse cruzeiro foi alli collocado na era de 1287, tendo por tanto, á data da sua demolição, a bagatela de 607 annos.

Este cruzeiro era de construcção elegante e achava-se assente em tres ordens de escadas, em quadrado; e ainda conserva no cemiterio em que existe o mesmo aspecto archeologico.

Pertencia á igreja matriz e era um dos paços do lendario terço que em antigos tempos se rezava, durante a quaresma, á noite.

Outras cruzes existem ainda por ahi embutidas nas paredes dos predios, nas ruas por onde o terço fazia o seu giro habitual.

Velharias archeologicas e religiosas».

3. «Oppidum» do Cabeço de Avellãs

Lê-se no *Commercio do Porto*, n.º 253, de 24 de Outubro de 1896:

«Bragança, 22 de Outubro.—É devêras notavel, pelo seu tamanho o castro ou, talvez, o *oppidum*, descoberto pelo Sr. tenente Lopo, director da escola de tiro, no sitio chamado Cabeço do Castro de Avellãs, a uns tres kilometros a oeste d'esta cidade.

São bem distinctos os vestígios de uma fortaleza que, pela sua construcção, fórma e dimensões, devia ser habitação de algum povo, talvez, se não certo, anterior ao domínio dos romanos. A crista do monte, diz-nos pessoa bem informada, é uma grande fortaleza, cercada de muralha, formada com pedra sôlta e defendida por fossos, encontrando-se nos pontos mais accessiveis do monte diversas ordens de mais muralhas, em fórma de andares.

No interior da fortaleza parece existirem indícios certos não só de habitações circulares, mas até de uma cisterna.

Nestas paragens tem apparecido diversos castros, mas nenhum, segundo informações dignas de credito, se parece com este, e por isso seria de grande utilidade que alguém descobrisse que ruínas seriam estas¹.

4. Acquisições do Museu Municipal da Figueira da Foz

No mês de Novembro, entrou a seguinte collecção de artigos gentílicos, colligidos em Loanda, e offerecidos pelo Sr. Antonio de Oliveira e Silva Junior:

Cerâmica. — Nove vasos de barro feitos pelos negros de Cabinda, no Colungo-Alto, a saber: uma panella grande (*imbéaza*), em que se fabrica o *inzua*, bebida fermentada, duas panellas mais pequenas (*imbia*) para comida, dois pratos pequenos (*sanga á menha*), uma garrafa para agua (*binda*) e tres pucarás (*cope á menha*).

Objectos de palha. — Dois cestos (*barra*) fabricados pelos negros de Pung'andongo, outro (*ridéja*) fabricado pelo gentio de Tamba e uma boceta (*barra á mungua*) feito pelo mesmo gentio.

Tecidos. — Alguns pannos (*tanga*) fabricados pelo gentio de Quiçama, e um cinto de malha (*ponta á quitore*) feito pelos negros de Zeuzo.

Objectos diversos. — Uma rede de pescar, feita pelos negros Muchiloandas, um vaso de côco (*ricaco*), tres amuletos, sendo um muito curioso em fórma de pente, doze brincos de metal (*bichas*) fabricados pelos negros Mubires, tres tangas feitas de fibras vegetaes, das mulheres de Quiçama, uma zagaia e dois machados e tres frascos que contem em alcool duas serpentes e um morcego.

¹ [A pag. 285 seq. dá-se uma noticia mais desenvolvida d'este castro. — J. L. de V.]

Um dos machados tem o gume transversal, isto é, perpendicular ao cabo, como as enxós; fórum interessantíssima e que pela primeira vez apparece no Museu.

5. Novas aquisições do Museu Municipal da Figueira

Entraram em Dezembro de 1896 os seguintes objectos:

Prehistoria. — Uma machado de pedra, uma placa ornamentada e alguns fragmentos de ceramica.

Comparação. — Do Sr. Bernardo Augusto Lopes, quinze bellissimas zagaias, quatro machados, um arco, tres settas e uma bengala, provenientes da Africa Oriental Portuguesa.

Archeologia historica. — O Sr. A. Goltz de Carvalho, de Buarcos, offereceu diversas peças fragmentadas de um interessante retabulo de pedra, attribuido ao seculo XVI. Estes objectos estavam empregados no pavimento da igreja de S. Pedro de Buarcos (matriz), voltadas para baixo, e mettidos em argamassa. O grupo superior tem parte da cabeça do Padre Eterno, quebrada na occasião em que foi descoberta. O grupo inferior, que provavelmente continha o Christo, estava completamente destruido, restando apenas as molduras do retabulo.

O Sr. Abilio de Brito Amaral, de Nellas, enviou para o Museu uma especie de clava de pedra polida, medindo 0^m,72 de comprimento e pesando mais de 4,5 kilos. É furada numa das extremidades. O exemplar está completo e foi recolhido em Villar Secco.

Este objecto deu entrada no Museu em fins de Novembro.

6. Collecções de moedas portuguezas

O Sr. J. Schulman, de Amersfoort (Hollanda), distribuiu os seguintes catalogos:

Catalogue d'une collection remarquable de monnaies du Brésil, de Goa et de Din et de quelques médailles du Brésil, du Portugal, et d'une série de monnaies des Indes Néerlandaises et Britanniques, de Syrie et de Parthie, provenant d'un amateur distingué à Paris, dont la vente aura lieu le 5 et 6 Octobre 1896, à Amsterdam, dans la salle au premier de l'Hôtel Krasnapolsky, Warmoesstraat 175-183. — Contém noticias de moedas nossas do Brasil e da India, do tempo de D. Pedro II,

D. João V, D. José, D. Maria I & D. Pedro III, D. João VI, D. Miguel, D. Pedro IV, D. Maria II, D. Pedro V e D. Luís; e é acompanhado de duas estampas.

Collection fort intéressante de monnaies des Indes Portugaises et Britanniques, formée par un amateur à Bombay, dont la vente aura lieu Jeudi le 8 Octobre 1896, immédiatement après la vente de la collection de monnaies du Brésil, de Goa, Dio et des Indes de M.^{me} la Vicomtesse de C. — O catalogo tem a seguinte nota: «Cette collection de monnaies anciennes des Indes Portugaises mérite bien l'attention des amateurs. Il y a dedans des monnaies fort curieuses et de la plus haute rareté. J'ai suivi la liste du propriétaire de Bombay, qui m'est parvenue trop tard pour faire la reconstruction.»

P. BELCHIOR DA CRUZ.

Bibliographia

REVISTA DE GUIMARÃES, vol. XIII, n.º 4, Outubro de 1896. — *Materias para a Archeologia do concelho de Guimarães* por F. Martins Sarmiento (antiguidades pre-romanas e romanas de S. Vicente de Mascotellos; lendas do monte da Senhora do Monte, analogas a outras conhecidas, e noticia de duas mamôas; noticias de penedos com signaes e cavidades, e de várias lendas; antiguidades romanas de Pedraúca, em Cerzedello, onde appareceu a ara do deus indigena Coronus, e uma inscripção consagrada a Juppiter¹). *Artistas e artífices de Guimarães* (noticia documentada) por Sousa Viterbo (os documentos referem-se aos seculos XV a XVII).

J. L. DE V.

¹ Escreve o Sr. Sarmiento, a pag. 165, nota: «Segundo Strabon e outros, o deus principal dos romanos antepassados era Marte». Como o Sr. Sarmiento tira d'esta affirmacão uma deducção historica, notarei que, se tem em vista o que diz Estrabão no liv. III, m, 7, este não diz que Marte era o principal Deus dos Lusitanos, mas o seguinte: «[os Lusitanos] sacrificam a Ares (= Marte) um bode e os prisioneiros de guerra e cavallos» (cavallos provavelmente tambem de guerra).

D'entre os muitos deuses dos Lusitanos, Estrabão falla especialmente de um (que identificou com Ares), por ter collido a respeito d'elle algumas informações circumstanciadas.

Progressos do Museu Lapidar de Faro

A julgamento de quem bem entenda deve, pelo que respeita á glyptica e á ethnographia, ser classificada de primorosa a cabecinha humana de marmore cujo desenho se vê em tamanho natural na figura junta. Foi encontrada nos terrenos de Estoi, em que assentam as desoladas ruínas thermaes de Milreu (Algarve) e offerecida a este Museu pelo Sr. Manoel Baptista. Não é um assombro esculptural, como o revelado na subtilissima cinzeladura, que ostenta o assumpto venatorio ou sacrificial do formoso *crater* oriundo da mesma procedencia, vaso



marmoreo de subido merecimento em posse do Sr. Paulo Cumano d'esta cidade: é, todavia, trabalho capituladamente artistico; proporciona revelações ou permite presumpções, que sobremaneira importam ao estudo da archeologia e simultaneamente corroboram o ensinamento relativo a determinados ademanes luso-romanos. É typo de mulher, de farta cabelleira (*comata*), de rosto com ar lancinante e triste, cabellos volumosamente espargidos á frente (*crinis passus*), como era de uso então ao ser-se ferida por alguma fatalidade, sem topete no alto, á laia do *crobylos* atheniense ou em fórma do *tutulus* sacerdotal das graduadas flaminicas de Roma, com trança armada

na parte posterior, circuitadamente repregada com alfinetes d'este officio, *acus comatoria* ou *crinalis*, — que bem podiam ser de metal, marphim ou simples madeira (de bronze ha um vistoso exemplar na sala 2, mostrador B, n.º 66, collido no espolio tumular de uma garrida mulher balsense). A limitada e basilar perfuração no pescoço e o alisamento da base collar, tambem de origem, mais provavelmente accusam a effracção capital de uma estatueta e o ulterior enfiamento d'esta suggestiva reliquia em suporte destinado a aproveitá-la. Talvez mesmo que a effigie de que se trata residisse algum tempo em alguma *aedicula* — nicho volante, que, nos atrios das casas (*domus*) das grandes familias romanas, guardava em cêra (*cera*) e excepcionalmente em pedra os personagens queridos de familia (*imagines majorum*), bem como ostentava as divindades tutelares á piedosa veneração dos crentes. Este precioso documento vale por um criterio a mais para o reconhecimento da luxuosidade do povo ossonobense, que descuidadamente se banhava e fortalecia de espirito e corpo nos variados regalos d'essas pequenas mas sumptuosas *thermas*, cujas eloquentes ruinas, sem proveito para ninguem, tendem a desaparecer da admiração e do estudo publico, restando-lhes apenas a planta e notas relativas, que eu ichnographicamente me apressei a elaborar e guardar numa das salas d'este musen.

Continúa, vagarosa mas ininterrupta e systematicamente, o enriquecimento das differentes secções d'este nascente Instituto. Á hora, em que escrevo, acabo de catalogar e dispôr um médio bronze romano na sala 2, mostrador B, n.º 145, padrão recommendavelmente distincto, collido por mim no cerro de S. Miguel. Tem no anverso uma *biga* tirada, não á maneira ordinaria por cavallos, mas serenamente atrelada a dois bois. Refere-se incontestavelmente ao periodo mais feliz da historia do imperio romano; accusa o governo pacífico de Antonino Pio, o *segundo Numa*, a quem o insuspeito Goldsmith, na sua *Roman History*, encomiasticamente chama «one of the most excellent princes for justice, clemency and moderation». Este curioso monumento numismatico achava-se afincadamente em posse do camponês José da Graça, com o cabalístico apóde de . . . uma moeda da *Anna Bolena!*

A sub-secção dos antigos pesos de botica, que, com as dos pesos do tabaco, do sabão e da polvora, hão de ir constituindo a nossa

secção metrologica, foi dotada, agora mesmo, pelo reverendo prior de Moncarapacho, Sr. Francisco Ignacio dos Reis, com sete exemplares metallicos, em excellente estado de conservação.

Secretaria do «Museu archeologico lapidar Infante D. Henrique», em Faro.

Monsenhor Conego — J. M. PEREIRA BOTTO.

Dolmens no concelho de Villa-Real

Interrompendo a rapida descripção dos dolmens dos concelhos de Villa Pouca e Aljô, que continuaremos logo que nos seja possível ir verificar, nos sitios em que se encontram, umas notas, que possuímos, passamos aos do concelho de Villa-Real.

Temos conhecimento de que se encontram dolmens nas freguesias da Campeã, Monços, Mondrões, Linares, Pena e Quintã, não podendo até hoje percorrer as outras freguesias do concelho.

Freguesia de Campeã.—No sitio chamado Sardoeira, em terreno chão, encontram-se:

1.º A 200 metros ao norte da estrada real de Villa-Real a Mondim uma mamôa de 15 metros de diametro e de 3 de altura com dois esteios apenas, de granito de 2^m,20 de altura, 0^m,81 de largura e de 0^m,25 de espessura, não tendo apparecido no sitio da camara nenhum instrumento, nem qualquer objecto antigo;

2.º Á mesma distancia da estrada, outra mamôa das mesmas dimensões, sem esteios, nem objecto algum no centro (logar da camara);

3.º A 250 metros da mesma estrada, outra mamôa de dimensões eguaes ás das duas e tambem como ellas em terreno chão, tendo-lhe sido tirados, ha poucos annos, os esteios para um poço por um individuo chamado Antonio Rolo;

4.º No sitio das Vendas, em um outeiro denominado Picoto, uma mamôa sem mesa, nem esteios, de 12 metros de diametro.

Na *Freguesia de Quintã*, limitrophe da da Campeã, vêem-se:

1.º No sitio do Coto, fralda de um monte que domina a norte e nascente a chã da Campeã, uma mamôa de 6 metros de diametro e 3 de altura, sem esteios, e sem objecto algum no centro;

2.º A pequena distancia do primeiro encontra-se outra mamôa com um esteio de granito de 2 metros de altura e 0^m,60 de largura e de 0^m,35 de meio para a base, e de 0^m,25 do meio para a extremidade superior, sendo negativo o resultado da exploração.

Estes dois dolmens estão situados a 10 metros da antiga estrada real de Villa-Real para o Porto, um á direita e outro á esquerda. Nas explorações a que se procedeu removeu-se apenas a terra e pedras do centro dos dolmens, no local que devia ser occupado pela camara, e não se fez em toda a mamôa por ser esse trabalho longo e dispendioso.

Na maior parte dos dolmens que temos visto a procura de *haveres encantados* tem feito que elles tenham sido devassados por muitas vezes, indo os credulos procurar na camara as riquezas. Do facto de atacarem o centro dos dolmens resulta necessariamente a saída dos objectos que lá estavam, tendo-se perdido parte e outra tendo sido aproveitada para defender do raio as habitações e para outros usos.

Dos objectos que desprezaram ou que não quebraram, devem encontrar-se alguns na mamôa e nos terrenos proximos.

É exploração difficil, é certo, por causa dos volumes que é preciso remover, mas de resultado provavel, senão certo.

Possuimos dois machados encontrados um á superficie de uma mamôa e outro num campo proximo.

Villa Real (Trás-os-Montes), Dezembro de 1896.

HENRIQUE BOTELHO.

Errata

Na noticia dos dolmens do concelho de Alijó (pag. 266, l. 23) onde se diz *altura* deve ler-se *cultura*.

A cultura dos terrenos tem dado cabo de muitas antas. No concelho de Alijó, em Parafita, lá vi no anno passado os esteios de dois dolmens estendidos no meio de uma veiga de centeio.

HENRIQUE BOTELHO.

Ruinas de S. Mamede (Vimioso)

De um artigo do *Norte Trasmontano*, de 3 de Setembro de 1896, extráio os seguintes periodos:

«A 1 kilometro de distancia, pouco mais ou menos, de Santulhão (Vimioso), existem as ruinas de uma povoação, chamada S. Mamede,

que alguns dictionarios se limitam a indicar como aldeia extincta entre Paradinha e Matella, e que ultimamente visitámos como meros curiosos. . . . Segundo a tradição popular, a povoação de S. Mamede foi abandonada pela grande quantidade de formigas que ali appareceram, que tudo destruíram, chegando até a comer as crianças deitadas nos berços.

Tem apparecido grande quantidade de sepulturas, quasi á flor da terra, com pequenas pedras dos lados, e uma tampa a cobri-las. Algumas das pedras que cobrem estas sepulturas são de marmore despolido com alguns arabescos, cruces e canneluras.

Tambem ali foram encontradas algumas moedas de cobre e prata do feitio de meios tostões., e que os illustres antecessores do nosso particular amigo, Sr. Dr. José Marcellino de Sá Vargas, puderam haver, e as levaram para Lisboa, talvez para enriquecer com ellas algum museu numismatico.

Os habitantes de Santulhão supõem (*sic*) que S. Mamede seria destruido ha trezentos ou quatrocentos annos

O auctor do artigo, que creio ser o meu amigo Pires Avellanoso, de Bragança, termina chamando para as ruínas a minha attenção, e convidando-me a visitá-las quando eu voltar áquelles sitios. Muito agradeço estas indicações, e farei o que se me pede.

Entretanto lembro desde já a conveniencia de conservar todas as pedras que contém esculpturas, e de mandar desenhos d'ellas para *O Archeologo*. Caso valha a pena, podem tambem as pedras ser recolhidas no Museu Municipal de Bragança. Talvez se trate de monumentos da epocha romana; mas nada ousa assegurar a este respeito, sem ter mais elementos de estudo.

Quanto á lenda das formigas, ella apparece noutras regiões: *vfr. O Arch. Port.*, II, 178-179 e nota.

J. L. DE V.

« no estudo da historia patria cada povo vai buscar a razão dos seus costumes, a santidade das suas instituições, os titulos dos seus direitos ».

A. HERCULANO, *Opusculos* (1886), v, 135.

Mudança do nível do oceano

1. Convite geral aos leitores d-O Archeologo

Provas geologicas e historicas dão testemunho indubitavel de que nas nossas costas se tem effectuado mudanças de nível do oceano.

Citaremos como exemplos: em geologia os vestigios de antigas praias em um nível que o oceano já não attinge actualmente (Vianna de Castello, Porto); em archeologia as ruinas romanas das costas do Algarve.

Expor-nos-hiamos, porém, a grandes erros se quisessemos formular conclusões geraes, tomando por base qualquer d'estes factos, pois elles frequentes vezes parecem fallar em sentido contrário.

Só o conhecimento de observações effectuadas em toda a extensão das costas permittirá chegar a conclusões geraes.

Seria pois necessario percorrer toda a costa, colhendo observações, escutando as tradições, trabalho este forçosamente incompleto, porque ha grande numero de factos que escapariam ao observador transitorio, sendo aliás conhecidos de um ou outro habitante da localidade.

Dirigimo-nos, pois, por meio do *Archeologo Português*, a todas as pessoas de boa vontade, pedindo que nos enviem o que souberem á cêrca d'este assumpto.

Queiram dar-nos a maior cópia de pormenores possivel, e provas positivas quando as conheçam, mas não temam indicar-nos factos aparentemente insignificantes, já que esses mesmos podem adquirir grande importancia aproximados de outros factos analogos. Indiquem-nos tambem as observações já descriptas, communicando-nos o titulo e a pagina da obra ou do jornal que as contém.

A nossa intenção é reunir nesta revista tudo quanto diz respeito a este assumpto, quer sejam observações novas, quer factos já publicados. Segundo a importancia das communicações que nos forem feitas, publicá-las-hemos immediatamente, ou aguardaremos que outros factos venham corroborá-las e dar-lhes maior importancia.

PAUL CHOFFAT.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

Errata

Na pag. 208, linha 16, em vez de 1512, leia-se 1510.

DAVID LOPES.

Archeologia Eborense

(Vide O Archeologo Português, I, pag. 289)

4. As ruínas do antigo convento de S. Francisco de Evora

Curiosos são os objectos encontrados nas excavações e demolições feitas nos restos do antigo convento de S. Francisco de Evora, para a sua substituição, como ha tempo dissemos, por elegantes e commodas habitações, com que o Sr. Dr. Francisco de Barahona concorrerá para o aformoseamento da cidade de Evora.

A maioria d'esses objectos são vasos de barro, de fórma, feiço e dimensões diversas, e, em geral, em perfeito estado de conservação. Os exemplares dos principaes typos são os representados na estampa junta, e estão recolhidos na Secção Archeologica da Bibliotheca Publica de Evora, onde poderão ser examinados.

Todos esses objectos de ceramica são bem modelados e cozidos, e alguns d'elles (figs. 1 a 5) tem os fundos sensivelmente abaullados ou convexos, dando mostra de terem sido feitos independentemente dos vasos, e applicados depois a elles, porém antes de irem ao forno.

O vaso representado na fig. 1 foi, com outros do mesmo feiço, encontrado nos rins da abobada de berço, que cobria o antigo claustro, e os outros vasos acharam-se misturados com os entulhos, com que fôra tapada, como dissemos noutra logar, uma das entradas do antigo palacio, para o prolongamento do andar superior á *capella dos ossos*, occupado por cellas.

A fórma de alguns d'esses vasos ainda é hoje a adoptada pelos oleiros, tanto de Evora como de Estremoz, como por exemplo as fórmas representadas pelas figs. 2 e 6.

O vaso representado pela fig. 14 parece ser um *grad* e o objecto representado pela fig. 21 parece ter servido para castiçal, em vista da sua parte vertical ser ôca.

Todos estes objectos de ceramica, ou pelo menos a maior parte d'elles, parecem não ter tido uso.

Como explicar a existencia de tamanha porção de ceramica? A tradição não o diz, e não me consta que a chronica da ordem seraphica o diga tambem.

No meio dos entulhos, foi encontrado um pequeno frasco de vidro da fórma e grandeza representada na fig. 22. O gargalo parece ter sido maior. A sua côr é branca, embaciada e tirante a verde.

Tambem foi achado um objecto de latão da grandeza e feição representado na fig. 23. Será espevitador ou peça de toucador? Como na maioria dos casos, teremos de contentar-nos com a interrogação.

Foi tambem recolhido na Bibliotheca Publica de Evora um garfo de chumbo, com tres dentes, e do comprimento de 0^m,13, tendo na extremidade do cabo uns ornatos já gastos, e no verso uma flôr de lis dentro de uma ellipse, encimada por uma corôa aberta.

Foi recolhida na Bibliotheca tambem, e ali armada, uma janella do estylo *manuelino*, geminada, apresentando a curiosidade de ter na sua bacia incrustados azulejos de 0^m,10 de lado, postos num mesmo alinhamento (fig. 24). Esta janella é toda de marmore branco, com alguns labores e tem cada vão 0^m,67 de largo e 2^m,02 de pé direito, e as vergas são em arco pleno com 0^m,33 de raio.

Esta janella estava no tope oriental do corredor da ala sul do convento, que fizera tambem parte do palacio, e que ao depois fôra occupada por cellas.

Igualmente foi recolhida e armada na Bibliotheca (Secção Archeologica) uma linda janella de peito, de estylo *Renascença* com 1^m,22 de alto por 0^m,87 de largura, com a verga e peitoril lavrados. Os ornatos d'esta janella e a sua semelhança com as janellas do segundo pavimento da torre existente, no Passeio junto á parte restante do chamado palacio de D. Manoel, fazem crer que estas janellas são coevas d'ella.

Foi tambem recolhido na Bibliotheca um capitel das columnas que ornavam uma das entradas do palacio, que, como dissemos, fôra entulhada pelos frades. Essas columnas eram, assim como é o capitel, de marmore branco, e eram semelhantes ás columnas que ainda se vêem hoje no pateo do antigo edificio da Inquisição e num portão do quintal de um predio, que pertenceu a um individuo chamado José Maria Penedo, e está situado na antiga rua do Collegio, hoje denominada rua do Conde da Serra da Tourega. O capitel é simples, notando-se nelle oito *vicinas* symmetricamente dispostas (fig. 25).

Ao ser demolida a casa que fica ao lado do claustro, que se diz ter servido para casa do capitulo do convento, foram descobertos dois lindos *edículos* mettidos na espessura da parede e contiguos, porém já sem

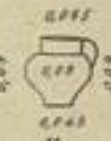
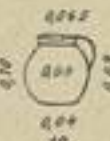
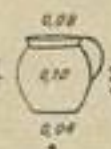
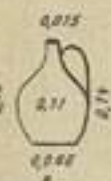
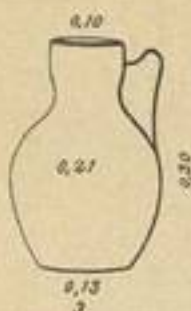
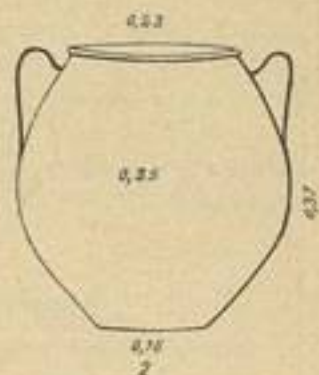
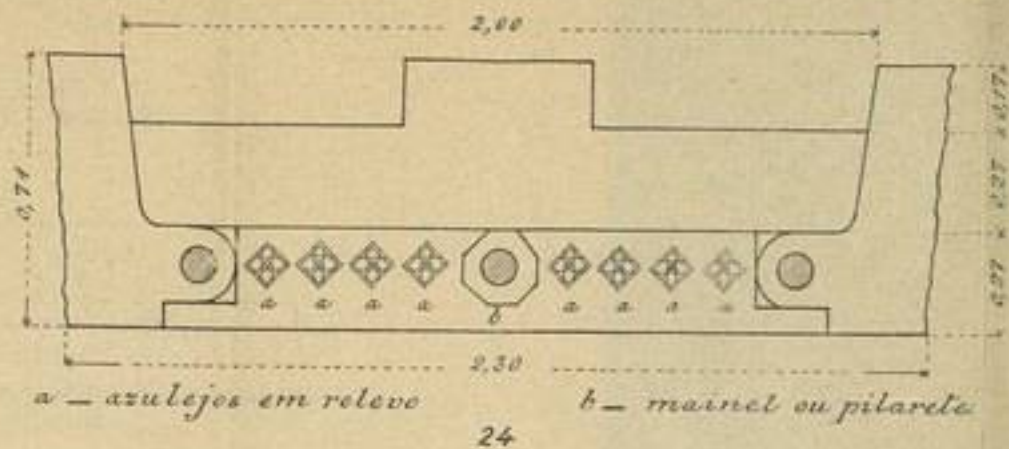
os *sarcophagos*, e, superiormente a elles, uma janella geminada, de granito, meia mutilada, de estylo manuelino, e tapada exteriormente por uma grossa parede de alvenaria ordinaria. Nas partes da parede comprehendidas entre as ombreiras e o *mainel* existia uma pintura de côres vivas, representando uma meia figura de mulher, de cujo tronco partiam diversos ramos mais ou menos caprichosos, que se elevavam até a parte superior do vão, e no meio d'esses ramos se destacava uma figura de homem, como se representa ordinariamente Mercurio. Por um distincto e intelligente desenhador-amador, o Sr. Augusto Salgado, natural e residente nesta cidade, foi tirada copia d'essa pintura, para ser guardada na Bibliotheca. Esta pintura é semelhante a uma outra encontrada na parte do palacio, demolida em 1869, denominada *galeria das damas*, e da qual tinha uma cópia o Sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, que lhe fôra offerecida pelo professor de desenho do lyceu o Sr. Joaquim Lopes da Cruz, hoje tambem fallecido.

As cantarias, os azulejos e as pinturas que se descobrem nas demolições das ruinas do convento levam-nos a imaginar que muito linda deveria ter sido a sua primitiva fábrika, e que a ignorancia dos frades ou a necessidade de cedencia da parte do convento para ampliação do palacio, em virtude das exigencias dos monarchas, levaram os frades, para os commodos ou serviços da communidade, a transformar o edificio do convento numa disgraciada massa de alvenaria, escondendo no seu interior bellezas que artistas de então, animados pela Fé, tinham criado, e que quando se descobrem, nos encantam sempre.

Na casa do capítulo do convento de S. Francisco de Evora, é aonde, segundo dizem os livros da nossa historia, fôra enterrada pelos frades D. Joanna Peres Ferreirim, abbadessa do mosteiro de S. Bento, morta pelo povo da cidade em 1384¹.

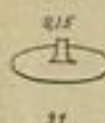
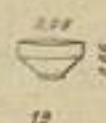
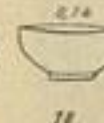
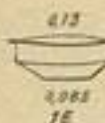
C. DA CAMARA MANOEL.

¹ O Sr. Antonio Francisco Barata no seu livro *A Moça de Cister*, publicado em 1896, e nas *Noites de Evora*, fasciculos n.º 1 e 2, dá noticia circumstanciada d'esta desdita senhora.

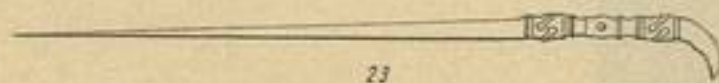


Ceramica

Ceramica



Metal tamanho natural

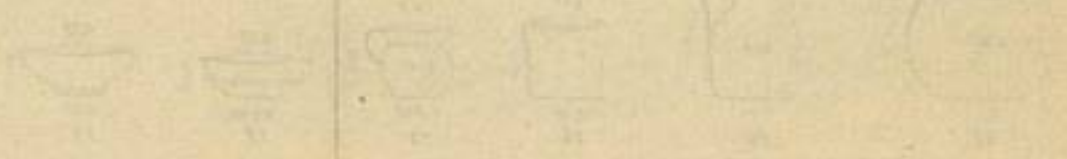


Vidro tamanho natural



RUINAS DE S. FRANCISCO DE EVORA

Fragmento de cerámica
de la zona de las ruinas



Estos vasos



Estos vasos



Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»

62. Bayões (Beira)

Crastos. — Exploradores de thezouros

« À dita hermiida (*Nossa Senhora da Guia*) concorrem alguns devotos, em romagem na primeira oitava da Paschoa da Ressurreição, e se faz naquelle sitio huma feira de pouca consideração e concurso. Há tradição nestes povos vizinhos que o dito oiteiro fora antigamente receptaculo de Mouros no tempo que possunham Hespanha, e ajuda a esta credulidade verse ainda nas rayzes do oiteiro vestígio de muro, couza mui tosca, e antiga, e outro mais junto á hermiida, que bem se vê ser hum e outro feito por arte e não pella natureza, mas em cima não ha signal algum de Castello ou cousa similhante; e por esta tradição ha ainda hoje nestas partes alguns curiozos, ou para mais propriamente fallar, loucos, que cavam em varias partes do dito oiteiro, persuadindose acharão algum thezouro, que os Mouros por ali deixariam escondido, e muitas vezes se vê cavado de fresco junto a penedos em modo que bem se infere ser aquelle trabalho dirigido ao fim mencionado¹. (Tomo vi, fl. 502).

63. Beja (Alentejo)

Inscripção latina, moderna. — Notícia de inscripções já conhecidas

« sempre fes particular apreço (Beja) do Levita e Martir Sezinando tributando-lhe o Culto de Padroeiro, como se ve na Igreja que referi dedicada por seus moradores a este Ilustre Filho, a qual sobre a porta tem hum fermozo jaspe, e nelle a seguinte inscripção:

DIVO SEZINANDO PATRONO AC ALUMNO SUO PRO
CHRISTI NOMINE DIE VIGESSIMA QUINTA JULII COR-
DUBAE JUGULATO, HAC EADEM DOMO, INQUA NATUS
EST, TEMPLUM HOC IN MEMORIAM TANTI NATALITH
SEMPITERNAM ERECTUM PAX JULIA DIDICAT ET CON-
SECRAT. ANNO DOMINI MILESSIMO SEXCENTESSIMO
SEPUAGESSIMO NONO.

(Tomo vi, f. 554).

¹ Cfr. *Dicc. Geogr.*, II, 118.

«Deste tempo (*de Julio Cesar*) se conservão ainda nesta Cidade diferentes Lápides, dandolhe o nome de Pax Julia e varias cabeças de touro, que diz a tradição ser obra daquelle tempo».

«Do tempo de Comdo Emperador, filho de Marco Aurelio, que morreo no anno 194 de Christo está nesta cidade hũa Lápide»

«No tempo de Diocleciano e Maximiano ouverão grandes contendas entre Evora e os de Beja a respeito dos limites, as quaes veio compor Daciano, Presidente das Espanhas, e para não haver mais duvida mandou por hum padrão que ainda hoje existe na Oriola» (Tomo VI, fl. 549).

64. Belver (Beira)

Lapa

«Ha no termo desta Villa no sitio da Ribeira de Canas hũa Cova chamada Lapa-de-Monis com boa entrada; porem vay-se estreitando para dentro, e não ha memoria, que alguém lhe chega-se ao fim por cauza do grande escuro e receyo de bichos que se prezume habitarem dentro, ha porem tradição que fazendo-se-lhe hũa grande fogueira a porta fora sahir fumo porto de hũa Legoa para o nascente» (Tomo VI, fl. 530).

65. Bendada (Beira)

Castello dos mouros

«E no que respeita aos itens do 2.º interrogatorio acerca da Serra, tem este povo, ou lugar a Serra chamada da Senhora do Castello que lhe fica ao norte, e o lugar contiguo ás fraldas della e se chama da Senhora por estar nella a Ermida da Senhora da Roza¹, e do Castello por ser antigamente murada, e estar nella fortificação pelos vestigios que ainda hoje se vem, assim de muros, como de casas, mas não consta de que tempo, e dizem alguns ser prezidio do tempo que os saracenos existirão nas Hespanhas, etc.» (Tomo VI, fl. 650).

¹ Não está ainda hoje bem esclarecida a origem do nome da Serra da Estrella. É provavel que este nome venha da existencia de uma ermida de Nossa Senhora da Estrella, «uma Senhora com uma estrella». E realmente encontra-se naquellas regiões uma ermida de Nossa Senhora da Estrella, com grande romaria outr'ora. Cfr. *Rev. Arch.*, IV, 67, e ainda o *Relatorio* do socção de ethnographia da expedição scientifica á Serra da Estrella em 1881, pag. 77 e sqq., onde o sr. L. F. Marrecas Ferreira colligiu diversas opiniões a respeito no nome da Serra.

66. Bertlandos (Entre-Douro-e-Minho)

Padrão romano com letras douradas

«Tem hum Padrão de altura de quinze palmos e de grande grossura com hum letreiro¹ de letras douradas que significavão ser aquelle Padrão de tempo que governava o Emperador Julio Sezar e para se conduzir ao lugar donde está havia de passar pella Ponte de Ponte de Lima, de que succedeo opporence as Justiças e povo a que não passaria pella Ponte sem primeyro fazer humma Escriitura os S.^{ms} da Caza de Bertlandos obrigandosse nella cazo que se aroinasse a dita Ponte a porem no seu primeiro estado, cuja Escriitura se acha no cartorio da Camara da dita villa». (Tomo VII, fl. 769).

67. Beringel (Alemtejo)

Inscrição moderna em latim. — Castro

«O Parocho he Prior apprezentado pelo Marquez das Minas que he o Padroeyro da mesma Igreja, e tem, no frontispicio della, as suas armas, e logo por baxo ha hũa inscrição em breves Romanas que diz:

XPUM DOMINUM QUI BEATUM HODIE
CORONAVIT ESTEFANUM VENITE ADOREMUS.

(Tomo VII, fl. 766).

«Ha perto desta villa hũa Outeyro de bastante eminencia que chamão o Outeyro do Circo; e junto de seu cume ha em roda hũa muro de pedra antigo, que os Mouros chamarão Crastro, e hoje os Militares entrincheiramento. Está ja em parte totalmente razo e pairesse foy obra dos Mouros na sua retiradas». (Tomo VII, fl. 758).

68. Bessa (Trás-os-Montes)

Etymologia de Barroso. — Lenda da torre do ladrão Galam.

«Chamace Barroso, nam pellos muitos Barros de que sejiã abundantes, antes as terras todas sam soltas e como arientas e de pouca correia propriedade do Barro; ha tradiçam que havendo cinco annos de ceca na provincia do Minho que confina com ella para a parte do

¹ É certamente a inscrição que tem o n.º 4870 do *Corp. Inscr. Lat.*, II.

Sul, os moradores desta provincia obrigados da cede se retiraram para esta situaçam por ser mais alta e abundante de agoas e nella edificaram suas choupanas de Terra para se abrigar dos temporais que sam grandes neste sitio». (Tomo VII, fl. 777).

«..... em Carraens se acha hũa Torre com bastante altura e largura a porproçam, arruinada para a parte do Sul, nam se sabe com certeza o Autor della, alguns dizem ser obra do Ladram Gaiam, que procedeo da caza dos sete infantes chamados os Gralhos, Cavalleiros de naceença..... e foi o caso que parindo uma mulher senhora sete filhos de hum ventre e receando que o Marido lhe emputase sete pays mandou por uma negra afugar seis e encontrando o marido a negra nestas exosecoçoens lhes tirou e mandou vistir todos da mesma libre com o que tinha em caza, e fazendos hum dia de festas e entrando todos na mesma caza nam se conheçiam uns dos outros e vendo a Mãe esta confaçam e dizendo lhe o marido que todos eram seus filhos cahio morta¹ para sempre, e destes sete sahio o Ladram Guiam que dizem fabricar a Torre de Carraens, para se hir a furtar e roubar os passageiros, e nisto algum credito se lhes pode dar, por ser a Torre vezinha da estrada, outros dizem fora hum dos doze pares da Inglaterra, porem como me mandam passar esta discriçam debaixo de juramento e que a nam mandacem era o mesmo nada d'isto afirmo por certo, porque conheço que ha muitas Torres neste Reino, que padecem a mesma infamia, e nem nesta Torre, nem em outra couza alguma nesta freiguezia fez algum damno o Terramoto.....» (Tomo VII, fl. 781).

69. Besteiros (Entre-Douro-e-Minho)

Fortalezas dos «mouros». — Etymologia de Besteiros. — Serra da Moura

«A ermida he sitta para a parte do Poente, no alto do monte de S. Domingos, com a invocação do mesmo Sancto, bem celebre entre os mais, que conthem a cronica da Religião do Santo, pella memoravel batalha em que no tal sitio venerão os Christaos aos Mouros em quem executaram inteiramente a victoria, nos que não morrerão fazendo-os fugir athe a Cidade que tinhão na Serra de Vandouina, distante $\frac{3}{4}$ de Legoa; aonde ainda existem claros vestigios das suas fortalezas, como dirá o Reverendo Abba de da freguezia. Acode pelo discurso

¹ Na lenda, publicada num dos *Almanachs de Lembranças*, são sepultados a mãe e os filhos juntamente, com o seguinte letreiro:

AQUI JAZ MARIA MANCELLA COM OS SEUS 7 FILHOS AO REDOR DELLA

do anno á dita capella ou Ermida de S. Domingos bastantes pessoas com inteira fé no patrocínio delle.» (Tomo VII, fl. 820).

«Não ha aqui memoria de que sahiseem desta freguezia homens insignes por Letras nã virtudes, só sim a tradição e vaidade dos nasionais de que a Etimologia do Nome de Besteiros, e ser esta freguezia cabeça da companhia da ordenança. . . . dos singulares e grandes feitos de armas que seus asendentes obrarão não só na batalha do monte de S. Domingos. . . . mas na resistencia aos Mouros, e sua expulsão da Cidade que tñhã na Serra de Vandoma distando só $\frac{3}{4}$ de Legoa desta Freguezia uzando elles do seu arco e bêsta de que se lhes conserva a companhia dos Besteyros; e o nome da freguezia». (Tomo VII, fl. 822).

«Não he Praça d'armas, nã tem Muro, Fortaleza ou Castello so sim nos Limittes da freguezia para a parte do Poente ainda existem huns vestigios de hũa Torre ou Castello (o que já se não pode averigoar) de que se acha hum Cunhal, que corre da parte do Norte para o Sul de 30 palmos de comprimento, em altura de onze palmos de Cunhal a Cunhal e neste hũa abertura de sorte que fica differente de outro cunhal, que corre do Poente para o Nascente de comprimento de dezasete palmos, e da mesma altura, e da parte do Nascente tem hum ambito redondo, de que mais se infere seria Castello ou fortaleza dos Mouros, o que se confirma por arredado couza de 300 passos haver um sittio chamado a *Cova-da-Moura*; é tradição de que hera estrada cuberta, por baixo do monte e contão alguns velhos que a tal cova hera medonha, e algumas pessoas que a quizerão avirigoar não chegarão ao fim; e de prezente se acha intupida». (Tomo VII, fl. 824).

70. Bico (Entre-Douro-e-Minho)

Coluna e louça achada em excavações. — Ruínas da cidade de Coria.

«Ainda hoje se está vendo na quinta da Pereira desta freguezia servir de pes a hũa grande meza de pedra hũa colluna não grossa de pedra fina e bem laurada que não ha muitos annos acazo se descobriu debaixo da terra em citio a que chamão o Telhado. Menos annos ha que abrindoçe no Lugar de Luzio ou Tunio seu arabalde hũ posse para tirar agoa se achou quantidade de Louça de porçollana branca ainda com algum Lustro, e não tão quebrada que se não dese ainda serventia a algũa o que mostra ser Louça ali de preposito encerrada¹. Entre os Lugares do Padrahido e Luzio ha hũ certo citio

¹ Cfr. *Dioc. Geog.*, II, 182. Freguesia da comarca de Valença.

a que ainda hoje chamão os naturais Gallegai huns, outros Coroa de Rey nome que tambem se acha escripto em papeis antigos, que asim os referidos inventos como os nomes de Telhado, Valdegai e Coroa de Rey enculcão haver no sitio em que esta freguezia se acha alguma povoação antiga. Parece que não pode duvidarçe. Qual esta fosse discorrão outros mais versados na Historia. O que affirmão he que comprehendendo a tal povoação os referidos Lugares, pello que estes distão huns dos outros necessariamente havia de ser grande e pello concegnite populoza e capital algũ tempo como enculcão os nomes Valdegai ou Coroa de Rey. E acreçento que sendo asim que antiguamente ouve nesta terra hũa çidade chamada Coria que com pouca corrupção deu o nome ao Rio Coura como alguns disserão aqui foi, porque sô sendo aqui adonde o dito Rio principia, como abaixo direi, he que melhor lhe podia dar o nome. Temos exemplo no rio Lima asim chamado por nascer na Limia, Reyno de Galliza¹. (Tomo VII, fl. 841).

71. Bobadella (Trás-os-Montes)

Cidadonha, fortaleza dos mouros; suas ruínas

«Respondo que este povo esta situado junto a hũa breca (*vereda?*) pella qual passa hũa Estrada que principia em Villa Real e passa pella Serra de Sam João de Monte Negro e vay findar ao Reyno de Galiza esta estrada terá de comprido quinze ou dezaseis legoas he tudo breca (*sic*) e terra plana e não tem costa alguma nem se encontra nella povoaçam alguna sô sim de humna parte e outra e para se acomodarem os passageiros saem fora da Estrada e entre tres Cabeços que esta hum para a parte do nascente e outro para a parte do Norte e outro para a parte do Nascente digo do poente de seu nome ou apelido Cidadonha (*sic*) por tradiçam se conta que foi Fortaleza de Mouros tanto de comprido como de largo que terá trezentos braços em seu comprimento e outras tantas de largo demostra que teve duas entradas e saidas, não tem indicios já de muros de pedra nem de outro material tem (*sic*) de mostrar donde ouve cazas; tem humnas barreyras grandes que em partes não se podem subír tem dons fogos em seu contorno com seus baluartes está esta fortaleza cheia de arnores silvestres como sam Carbalhos e outras mais. . . . »². (Tomo VII, fl. 911).

¹ O caso talvez se dêsse ao contrario.

² Cf. *Dicc. Geog.*, II, 192.

72. Bobadella¹ (Trás-os-Montes)

Minas dos romanos

«Perto da corrente deste Rio, no termo do lugar de Nogueyra desta freguezia onde chamão As Freytas ha hũa *Lagua e casas* (?) ao pe della que dizem forão minas, que os Romanos tirarão dellas ouro ou prata». (Tomo VII, fl. 923).

73. Bobadella (Beira)

Grande cidade no tempo dos godos (sic)

«Ha memoria antequissima que esta villa de Bobadella foi cidade no tempo dos godos aonde hove hum homem grande chamado Regullo de Bobadella». (Tomo VII, fl. 929).

74. Bolvão (Entre-Douro-e-Minho)

Castello de Fernã

«Esta terra não he murada nem Praça de armas, somente no mais elevado do monte ha hum Castello de Penedos que por antiqua tradiçam se chamava Castello de Fraam que agora corrupto vocabolo se chama Castello de Fernã. . . .» (Tomo VII, fl. 967).

75. Borba (Alentejo)

Inscrição portugueza. — Etymologia local da Borba e sua origem. — Cabeça de pedra chamada «Marta de Borba»

Inscrição existente na Igreja Matris d'esta villa: «. . . pedra quadrada, inbutida na parede do corpo della da parte de dentro ao lado direito. . . »

ESTA : EGIA : HE : DA : ORDÊ : DAVIZ : E :
 MANDOUA : FAZER : O : NOBRE : SENHOR :
 DÔ : FERNÃ : ROIZ : DE : SEQIRA : M^o :
 DA : CAVALARIA : DA : DITA : ORDÊ : E : FOI :
 FEITA : HO : ANNO : DA : ERA : DE : MIL : IIIJ^o :
 E : L : VIIJ^o : AVIZ : AVIZ : SEQIRA :
 SEQIRA :²

(Tom. VII, p. 292).

¹ Termo de Montalegre.

² Esta inscrição indica a data do anno de Christo 1420 (em 1422 da nossa era terminou o emprêgo da era de Cesar). O *Dicc. Geog.*, II, 206 dá, alem de ou-

«Seus primeiros fundadores lhe derão o nome de Barbo, em razão de haverem achado dois desta especie em hum Lago aonde hoje esta o Castello, os quaes tomarão por armas da mesma Villa mandando-os esculpir em alguns logares, porem, ao prezente só se vem retratados nos espaldares das cadeiras da Camara. Pelo decurso do tempo se veio a corromper o nome «Barbo» em «Borba». (Tomo VII, fl. 989).

«Sobre a principal porta que está ao Norte, se vê huma Cabeça de pedra de forma humana, a que o vulgo chama Maria de Borba, tam gasta que se lhe não percebem as feições, e de baixo da mesma está hua tosca lamina de pedra, cuja escriptura pella mesma causa se não lê». (Tomo VII, fl. 993).

76. Bongado (Entre-Douro-e-Minho)

Via militar romana e ponte

«A sexta he a ponte da Langoucinha no sitio da freguezia de Sancta Marinha de Louzado ponte Romana que a reedificou Dona Goncinha pela qual antiguamente hia a estrada do Porto para Braga cortando pelas faldas da Serra da Corviam e passando pela freguezia de Esporões e Contada dos Arcebispos se metia pelo postigo de São Sebastião na dita cidade de Braga, e por ali hera a via militar que de Braga hia para Lisboa e hã das sinco que reffere o Itenerario de Antonino Pio, a qual ponte ha muytos annos a esta parte pouca serventia tem.» (Tomo VII, fl. 1085).

77. Braga (Entre-Douro-e-Minho)

Inscrição portugueza. — Achado no campo de Sant'Anna

. e no da Epistola esta o magnifico tumulo do senhor Infante Dom Affonso filho primeiro do grande Rey Dom João Primeiro deste Reyno: he de cobre dourado com seu sobreceço, obra primorosa feita em Flandes que de lá lhe mandou a Senhora Dona Isabel que casou com Felipe, terceiro Conde de Flandes e de Henao (*Hainaut*) e Duque de Borgonha, e faleceu nesta cidade quando o Rey seu (*pai*) convocou cortes nesta cidade, e ainda que o Senhor Dom Rodrigo da Cunha

tras variantes, o anno da era de 1401 (Ch. 1363); era D. João I, mestre da ordem de Avis anterior sem lacuna a Fernão Roiz, começou a reinar em 1385 da nossa era, em cuja epocha, pouco mais ou menos, cessou de exercer as funções de mestre. A cópia que a memoria apresenta tem pois mais probabilidade de ser exacta no anno do que tem a do impresso. Com Fernão Roiz de Sequeira termina o ultimo mestre não pertencente à familia real.

diga na segunda parte da Historia de Braga que o Letreiro fora pintado, e que se não podia ler comtudo examinado por Valerio Pinto de Sá, celebre antiquario desta cidade, o leo e achou embutido em letra gotica serrada e dis o Letreiro:

AQUI JAZ O INFANTE DOM AFFONÇO A QUEM DEOS PERDOE
FILHO DO NOBRE REY DOM JOÃO. E DA RAINHA DONA FELIPA
D' E LANCASTRO.*

(Tomo VII, p. 1116).

«Achamse no referido campo de Sancta Anna juncto á referida Cappella dos Sanctos Passos de Sancta Anna doze columnas com seus letreiros dourados que contem os Livros de Dom Jeronimo, ¹ nos quaes se podem ver, que porisso não repito. E novamente no anno de 1751 murando-se a cerca das Religiosas de Nossa Senhora dos Remedios suburbios desta mesma cidade que discorre pellos limites desta freguezia a quatorze palmos de altura se acharam duas pedras das sepulturas dos Romanos, cujas pedras por ordem do Serenissimo Senhor D. Joseph, Arcebispo Primas que nesse tempo foi deste arcebispado se collocaram no Muro da mesma cerca, donde se acham» ². (Tomo VII, fl. 1138).

78. Branca (Beira)

Cidade do tempo dos mouros e suas ruinas. — Exploração moderna de ruinas

«Ha tradiçam antigua que nesta Serra (de S. Julião) no tempo dos Mouros estava situada huma cidade a que chamavam Langobria, e ainda agora se vem no alto da serra alguns vestigios, donde se tiraram as pedras das muralhas..... No meyo desta serra no sitio do Palhal junto do Rio Caima ³ haverá 15 annos se descubrio hũa mina de prata, chumbo e cobre, na qual se trabalhou por espaço de 5 ou 6 annos por conta de alguns homens de negocio na Cidade de Lisboa, dos quaes era caixa geral hum Ingles chamado Guilhelme Mauman etc.» ⁴. (Tomo VII, fl. 1190).

¹ Contador de Argote.

² Cfr. *Dicc. Geog.*, II, 264.

³ Nos documentos em latim escrevia-se *Kaima* ou *Comio*.

⁴ No *Dicc. Geog.*, II, 278 vem mencionando como existente nesta freguesia o lugar de *Cristello*, que deve ser talvez uma forma derivada do *Crestello*, de *Crato* ou *Castro*. No ms. apparece a forma *Crestello*. Cfr. *O Arch. Port.*, I, 3, *Castros*. O mesmo *Dicc. Geog.*, II, 756, apresenta alem do nome já indicado mais tres povoações com a denominação *CASTELLO* na provincia de Entre-Douro-e-Minho.

79. Briteiros (Entre-Douro-e-Minho)

Ruínas de Citânia

Freguesia do Salvador. — «Está em hum valle na rais de celebre monte Citânia ou Cinania, que comprehende a melhor parte delle o districto da freguezia». (Tomo VII, fl. 1227).

«Dentro desta freguezia em pouca distancia de Igreja entre o Lugar da Mata e o do Carvalho dá principio hũa Calsada para o Monte Citânia na coroa do qual se conservão vestigios evidentes de que foy povoação grande, pois rompendo esta Calsada pello monte assim a no fim dela se encontra hum muro, o qual cercava esta antiga povoação para o Poente e Sul e para o Nascente não necessitava de muro por ser o monte desta parte despinhado; pella parte do Norte linda se ve o muro unido com a terra, e em muitas partes estão pedras levantadas; para baixo corre hũa calsada, que vay calir junto a Levada do Passo; terá em todo este circuito setecentas braças: encontra-se outra calsada que rodeando o monte se mete na freguezia de Pedralva para a parte desta freguezia se vem ruínas de fortalezas, das quaes se descobrem os primeiros fiados de pedra, em partes de tres palmos e em outras de maes. Encontra-se outra muralha que mostra ser muito maes forte que as maes que se descobrem, por ser de pedras grandes. No alto do monte mostra terceira muralha que ainda em partes tem nove palmos de alto, cercão o monte pella parte do norte e Poente e por entre os murós da parte do Norte e Nascente se vem muitos alicerces de cazas que ao parecer orão redondas e piquenas e de grandes montes de pedras que se achão devididos neste citio se infere serião tambem cazas maiores; o que tudo faz grande corroboração a tradição de que aqui foy a povoação de Citânia etc.»¹ (Tomo VII, fl. 1228).

Freguesia de Santo Estevão. — «... ficando lhe fronteiro hum monte chamado da Citânia, celebre pelas tradições e vestigios que se descobrem na formatura de ruas e alicerces de muros: para o adro desta Igreja se transportou hũa grande pedra ornada de varios labores trazida de Citânia com muito trabalho e se acha suspensa em columnas não muito compridas con grossura sufficiente para a sustentar»². (Tomo VII, fl. 1237).

¹ Cf. *Dicc. Geog.*, II, 288.

² Cf. *Dicc. Geog.*, II, 289.

80. Budens (Algarve)

Ruínas descobertas pelo mar em 1755

«Na occasião do Terremoto do anno de 1755 junto á fortaleza de Almadna, sahindo o mar do seu curso lançando fora as areas de hũa pequena praya que havia junto a hũa limitada abertura por onde entra mar, a qual chamam o rio da Almadna se descobrirão fundamentos de avultada Povoação que continuava para a parte do mar, pois no abrir das ondas se divesavão a montes as pedras soltas de destruidos edificios que com o continuo dos tempos submergirão as agoas e na pequena parte que perto das ondas as areas descobrirão vi e observei muitas pedras de Canteria bem fabricadas, e principios de edificios que ao parecer e modo guardavão a Povoação das inundações e marés naquelle tempo; e hoje se acha tudo novamente cuberto de area como antes, e se prezume ter sido hũa antigua cidade de Buda donde tomou o nome esta freguezia de Budens, mas disto não vi escritos»¹. (Tomo VII, fl. 1309).

81. Burgães (Entre-Douro-e-Minho)

Tumulo supposto do tempo dos godos

«Não ha nesta terra cousa digna de memoria menos hum tumulo antiquissimo que se diz ser do tempo dos godos: está elle mettido dentro de hum arco de altura de 16 palmos e vinte de comprido: o remate são tres pedras redondas soffrivelmente lavradas nas duas das partes se achão esculpidas duas cruces perfectas e hum signo salomónico na do meyo. O tumulo está mettido dentro deste arco tem nove palmos de comprido e quatro de largo perto de cinco. Todo este sepulcro não tem letras algũas nem divizas e tão pouco há tradição de quem nelle esteja enterrado. A injuria dos tempos poz por terra se já não fosse a barbaridade da gente rustica da freguezia se aproveitar das pedras. Assim esteve este monumento muitos annos athé que João da Cunha de Sotto-Mayor Sarmiento e Mendonça, Abbadé desta Santa Igreja de Burgaens, herdando de seu Pay Pedro da Cunha de Sotto-Mayor, Fidalgo da Caza de Sua Magestade Fidelissima, Professo na Ordem de Christo, Alcaide mor de Braga, Coronel de Infantaria e Academico da Academia Real de Historia Portugueza, e prezar as bellas letras, curiosidade e estimulação das cousas antigas, á sua custa o

¹ Cfr. *O Arch. Port.*, n. 77.

mandou reedificar com as proprias pedras que dantes formavão o tumulo no que teve immenso trabalho para junta-las, tirando-as das paredes, em que seus freguezes as tinham constituido. Está este monumento juncto a hũa estrada publica na agra da Cancellã chamada da Cruz, contigua a hũa aldeya a que chamão Sarnado¹. (Tomo VII, fl. 1337).

82. Burgo (Belra)

Castello dos Mouros

«Ao vigesimo segundo e vigesimo terceiro que nam constam antiguidades dignas de memoria supposto ha tradição que houve no citio de San João de Valinhas que he da Freguezia de Sancta Eulalia hum Castello que fora dos Mouros, mas delle não ha vestigio algum». (Tomo VII, fl. 1347).

83. Cabana Maior (Entre-Douro-e-Minho)

Lenda da Douça-das-Donas

«No fim desta freguezia ha hũ morro com o titulo de Outeiro Mayor que fica para o Poente conforme muitas pessoas que tem notiça das Serras de Portugal affirmão que he o mais alto de todo o Reino nas faldas delle esta o lugar de Boussas (*sic*) Donas cujo nome dizem lhe vem de hũa mulher filha de Pais ilustres outros que era princeza que vindo fugida ali fizera seu domicilio por ser naquelle tempo sitio muito solitario e por isso ficara ao lugar o nome Boussas das Donas. . . .» (Tomo VIII, fl. 19).

84. Cabeça-de-Mouro (Trás-os-Montes)

Lenda da fonte de Cabeça-de-Mouro

«Tem este lugar no alto delle ao pé da Igreja huma fonte com hum grande nascente de agoa que nunca secou donde os moradores se servem e regam suas ortas no verão chamada a fonte de Cabeça de Mouro e dizem que por origem de seu nome e tradição que no tempo dos Arabes, quando dominavão estaz terras que achandosse hum mouro e hum christão ao pé desta fonte convidandosse hũ ao outro a beber nella duvidara o cristão fazello por haver muntas viboras nestes contornos e temer que o mordessem ou que estivesse a agoa invenenada dellaz; o mouro lho faceliton dizendo tinha encantado todos

¹ Cfr. *Dioc. Geog.*, II, 305.

os bichos venenozos em todaz as terras que deste sitio (que he levantado e iminente) lhe estavão a vista, e seja verdade ou não esta tradição, a experiencia o tem mostrado que havendo neste sitio e seu contorno imensidade de viboraz, não ha noticia que offendessem a pessoa alguma»¹. (Tomo VIII, fl. 57).

85. Cabril (Trás-os-Montes)

Etymologia supposta do nome da ponte de Mizarella

«O Rio da Mizarella que eu saiba tem duas [pontes] hũa a mesma de que toma o nome da Mizarella, *corrupto vocabulo* que o seu proprio nome he a ponte do Miserere, cujo alcançou por meter terror aos que a paixão *saltem* a primeira vez, asim por ser munto alta e de hum so e bem antigo arco, como por ser estreita, e estar edeficada em hum sitio medonho, aonde as agoas cahindo de alto em penedos concavos levantão fumaceiros ao ar, a qual se acha no districto do lugar de Cidroz. . . . » (Tomo VIII, fl. 139).

86. Cadaval (Extremadura)

Etymologia popular do Cadaval

«Está situada em parte alta ou em hũa collina que entre dous valles se levantam do Norte para o Sul aonde fenecem, os quaes desaguam (*sic*) para o Norte. Dos quaes diz a tradição nascera a Etymologia do seu nome; pois perguntando o que deu principio a sua fundação aonde haveria agua lhe foi respondido: que em cada valle que sincopado (*sic*) he Cadaval». (Tomo VIII, fl. 184).

87. Caldas-da-Bainha (Extremadura)

Ruinas do Khorsbricio

«No tempo dos Romanos, Vandalos, Suevos e Allanos houve indicios de que já esta villa fora povoada por ocasião dos mesmos banhos sendo o mais provavel as ruinas que se descobrirão junto ás ditas agoas quando se fundou o Hospital asim como naquelle tempo se con-

¹ É uma tradição em que se revela a união entre os lendarios mouros e serpentes (mouros encantadas). Cabeça deve ser considerado no sentido de cabeça como, por exemplo, *Mataedes no de Mata-de-cãca*. Cfr. *Dicc. Geog.*, n. 324.

cervão as memorias de ruínas antigas em Arrayolos, Evora de Alcobaca, Povos e Alfizerão que he constante fora a celebre cidade de Elborobricios». (Tomo VIII, fl. 240).

88. Calheiros (Entre-Douro-e-Minho)

Castro

«Não acho nada que diga neste artigo, só no monte do Castello que da parte do Nacente em piquena parte que parte a freguezia de Refojas com esta freguezia se acharão cabando os labradores da freguezia de são Thiago de Brandará alguas pedras bem lauradas e covicolas debaixo do chão feitos a modos de cazas tudo de pedra lavrada». (Tomo VIII, fl. 288).

89. Calvelho (Trás-os-Montes)

Castellos dos mouros

«Houve neste termo trez Castellos de Mouros de que ha ainda Bestigios hum para a parte do Poente que se chama Urreta fermoza; e dous para a parte do Nascente, hum que se chama Castello Sanguinho, e outro no fim da Urreta, Avilheyras¹. (Tomo VIII, fl. 304).

90. Cambas (Alentejo)

Minas de prata

«Ao septimo digo que nesta serra oume antigamente minas de metaes e de prata pelo que mostra assim em varias conas que se achão na dita Serra (*de S. Domingos*) como por outros signais que se diuisão nela». (Tomo VIII, fl. 353).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

«..... este exame miúdo [dos factos historicos], feito com consciencia, tem grande applicação, e ainda em si é importantes».

A. HERCULANO, *Opusculos* (1886), v, 103-104.

¹ Cfr. *Dicc. Geog.*, II, 372.

Arte romana

Chamavam os romanos *personae*, entre outros objectos, às carrancas fontanarias, que ainda hoje se empregam para o mesmo uso¹. A que a gravura representa é de bronze e pésa, incluindo o chumbo que tem adherente á concavidade interna, 1^l,005.

Parece-me que este objecto não pôde ser considerado como gárgula para aguas de telhado, não só porque as gárgulas eram de barro ou de pedra, para servirem tambem de ornamento á cornija, mas ainda porque as dimensões da bôca são exiguas para tal serventia.



A carranca mede de alto a baixo 0^m,12 e a bôca 0^m,02 × 0^m,032. É perfeito o seu estado de conservação; está porém coberta da pátina característica.

Como se vê, deve ser obra romana de bom estylo, provavelmente proveniente de algum centro importante de população, aonde florescessem as artes e as industrias. Não me consta que, nesta região, hajam apparecido vestigios de qualquer povoação importante da epocha romana.

Sei apenas d'este objecto que foi encontrado ha annos quando se rompia a estrada que une as duas villas dos Arcos-de-Val-de-Vex e Monção. Ignoro o mais que importa saber.

Parece representar o rosto de uma bacchante, toucada com o *corymbus* de folhas e bagas da hera, pendendo-lhe das fontes rolos opulentos de cabello (*antiae*).

¹ Veja-se Rich, *Dictionnaire des antiquités romaines*, pag. 476.

A concavidade da parte posterior está ainda quasi toda occupada pelo chumbo que serviu para fixar a carranca á extremidade do conducto da agua¹.

F. ALVES PEREIRA.

A Arrabida

Esta formosíssima serra, cortada de tantos valles, e possuidora de tantas grutas, é possível que fosse aproveitada como estação pre-historica.

Com o fim de ahí descobrir alguns vestigios archeologicos, visitei-a em Agosto de 1895; contudo, apenas colhi algumas noticias vagas.

Um camponês encontrou lá um instrumento neolithico, da classe das «pedras de raios»; este facto, se por si não basta para classificar a Arrabida como estação prehistorica, não se pôde todavia desprezar. Tambem soube que um dos muitos outeiros da Serra (ao qual porém não fui) se chama *Jogo dos Moiros*; provavelmente trata-se de algum local archeologico.

Grutas apenas pude ver a de *Santa Margarida*, aberta perto do mar, e tão ampla, que constitue só por si uma capella, onde, além de muito espaço para os fieis orarem, cabe um altar e um pulpito. Se a gruta nos tempos prehistoricos serviu de habitação, ou de catacumba, não se pôde dizer, sem se praticarem primeiro excavações no solo.

A Arrabida precisa, pois, de ser explorada methodicamente, a ver se o alveão do archeologo chegará acaso a confirmar os versos de Herculano²:

Essas penhas, que lá, no alto das serras,
Nuas, crestadas, solitarias dormem,
Parecem imitar da sepultura
O aspecto melancolico e o repouso...

não sepultura de macerados monges arrabidos, mas de activas gerações pre-romanas, que ahí deixassem curiosos documentos de energia e de trabalho.

J. L. DE V.

¹ [No *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines* de Daremberg & Saglio, s. v. *fons*, vem figuradas várias carrancas (de animaes) da especie das de que se trata no texto. — J. L. de V.]

² *Poesias*, Lisboa 1886, pag. 53.

AVISO

Pedimos a todos os assignantes em dívida a finesa de mandarem satisfazer, com a possivel brevidade, as suas assignaturas, em carta registada ou em vale de correio, a fim de não soffrerem interrupção na remessa dos numeros seguintes.

Lembramos que toda a correspondencia nesse sentido deve ser dirigida, não ao redactor d'esta revista, mas a **J. A. Dias Coelho, Imprensa Nacional.**

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Anno	1\$500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a J. Leite de Vasconcellos, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a J. A. Dias Coelho, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

À venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.